Literalmente Intrigante

1º Edição - Abril 2017





Edição 1 – Abril de 2017

Publicação: Trimestral

Diretora de redação: Rosana Mezzomo Oliveira.

Editora-chefe: Elizabeth Caroline Nwogo.

Revisão: cada texto foi editado por seu respectivo autor, sendo assim, nenhuma obra sofreu alterações por parte da equipe da revista.

Diagramação: Elizabeth Caroline Nwogo.

Capa: Rosana Mezzomo Oliveira.

Site da Revista: https://literalmentintrigante.wixsite.com/revista

Contato: revista-literalmente.intrigante@outlook.com

Página no Facebook: https://www.facebook.com/LiteralmenteIntrigante/

Direitos Autorais:

Todo material aqui publicado pode ser reproduzido e/ou compartilhado em qualquer local desde que sejam mantidos os nomes de seus autores e que seja citada a fonte, além de as obras não serem utilizadas para fins lucrativos.

Editorial

Caro amigo leitor,

É com imensa alegria que apresentamos a primeira edição da Revista Literalmente Intrigante, que busca divulgar autores nacionais e internacionais desconhecidos, além de reservar um espaço a resenhas de livros, filmes e séries.

Seja bem-vindo ao início dessa jornada de divulgação literária. Trataremos da literatura com os mais diversos temas e desse modo, a contribuição de leitores e escritores para que nossa "engrenagem" funcione é fundamental.

Nossa revista nasce com a honra de publicar textos incríveis e dar as boas vindas a duas novas integrantes: Lindaiá Campos e Rebecca Jordão, que já nos cativaram de modo inesquecível. Esperamos que daqui para frente a equipe cresça cada vez mais.

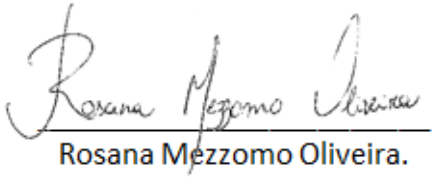
Quem nunca adentrou o universo literário com sua imaginação, mente e alma? Nunca sonhou em construir uma máquina do tempo ou morar na lua? Quem nunca imaginou viver um grande romance cheio de altos e baixos? Descobrir a história por trás do comportamento dos vilões e se perguntou por que os heróis são tão bonzinhos? Essa é a literatura, esse universo incrível de imaginação, cujo qual raramente nos cansamos. É a fuga dos problemas do cotidiano.

Aqui, com essa singela publicação trimestral, divulgaremos crônicas, contos, poemas, resenhas e artigos. Escrever não é algo impossível, tampouco difícil, aqueles que escrevem sabem como é prazeroso fazer um livro, um poema e até mesmo uma revista. Os que apenas leem, estes se deliciam com o que nossos escritores lhes proporcionam. Esperamos que se sintam assim com esta revista.

Agradecemos aos mais de 150 autores que submeteram seus textos a nossa avaliação e os parabenizamos, adoramos dezenas de textos, mas infelizmente não podemos publicar todos, pois a revista ficaria muito extensa. Os textos aqui publicados podem ser compartilhados nos mais diversos meios, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores.

A revista é completamente em PDF, ou seja, ecológica e digital, mas isso vocês já sabem, não é?

Boa leitura!



Rosana Mezzomo Oliveira.
Diretora de redação.

Índice

A Construção Ordinária do Ser 1
A Revolução dos Bichos 3
Alomorfia 8
Ao Cair da Tarde 10
Batuque 12
Coisinhas Miúdas 15
Consta 17
Desde Então 19
Doce Ilusão 21
Ela 23
Entrevista 28
Estalactite 31
iZombie 33
Jogo da Vida 35
Juntos 36
Mise em Abyme 42
Moonlight – sob a luz do luar 44

Nona Arte a cultura em quadrinhos 48
O Caso do Buraco 52
O Doido 57
O Voto 59
Origamis 61
Paddy Clarke Ha Ha Ha 62
Presente de Casamento 66
Propaganda 69
Recomeçar 71
Sentimento Virtual 73
Tempos Modernos 76
Terapia de Mãe 79
Todos os dias 81
Trocando a roupa da alma 83
Voz Passiva 84

A construção or(di)n(ária) do ser

Por Victoria Tuler

Sou assim, meio existencialista. Acredito que a gente vai se construindo ao longo da vida, tijolo por tijolo, parede por parede. Cada experiência é uma nova demão de tinta, nem sempre bonita. Às vezes, com nossas ações, erguemos um muro levemente torto, inclinado demais para a direita ou esquerda. Não tem jeito – demolimos os enganos. Passada a frustração, acordamos no dia seguinte e reconstruímos, do chão, do zero.

O negócio é que ser uma eterna obra inacabada cansa.

Construção tem barulho o dia inteiro, gritos, gente para lá e para cá. Traz o cimento, liga a furadeira, acho melhor derrubar essa estrutura antiga. A preocupação com as colunas que nos sustentam não nos deixa mais em paz. Todo mundo só quer um pouco daquele tal sossego, que deve ser alguma criatura folclórica – tem quem jure que já viu, mas eu não acredito, não.

Pensamos demais no futuro, na mansão com piscina e jardim de inverno que, nesse ritmo, seremos em uns vinte anos, talvez trinta. Perdemos dias e noites idealizando nossos muros com trepadeiras, a churrasqueira, o quarto das crianças. Nos endividamos, investindo emocionalmente em todos os móveis bonitos que enfiaremos dentro da gente. O foco no futuro é tão grande que esquecemos o que somos agora: isto. Exatamente isto. Um eterno canteiro de obras, que não é perfeito, mas tem seu charme. Eterna parte da paisagem urbana ocupando nossos lugares de elefantes brancos na cidade, existindo entre arranha-céus como um sinal de resistência muda. Aceitar o hoje, ao invés de focar no amanhã, é difícil porque seria

admitir que, talvez, nunca sejamos mais do que já somos. A possibilidade de que nossos sonhos sejam casas que nunca saírão das plantas é mais concreta que nós mesmos.

Não estou dizendo que é impossível tornar-se o que planejava ser no princípio. Declarar a inviabilidade de uma hipótese é uma atitude pretensiosa e pedante, para dizer o mínimo. Temos diversos exemplos de pessoas que nasceram com objetivos e, anos depois, chegaram lá. Hoje são os prédios que almejaram ser desde o início de tudo. Observar construções prontas, envidraçadas e brilhantes, nos dá um pouco de esperança, afinal. Mas de vez em quando, é preciso aceitar que nossos propósitos são, também, desconstrução. Nascemos para ser casas, mas talvez sejamos lojas. E daí? Não dar certo não é necessariamente dar errado. Sucesso e desastre são só dois lados da mesma moeda, que, como num jogo de cara ou coroa, pode virar a qualquer momento. Nem toda arquitetura é arte, e nem poderia ser. Arte é algo pontual demais. Não ter adornos complexos ou estruturas revolucionárias não tira a sua beleza ou importância. Em meio a megalomania exacerbada das metrópoles, o ordinário também é fundamental, como uma zona de respiro. O comum ajuda a manter a sanidade.

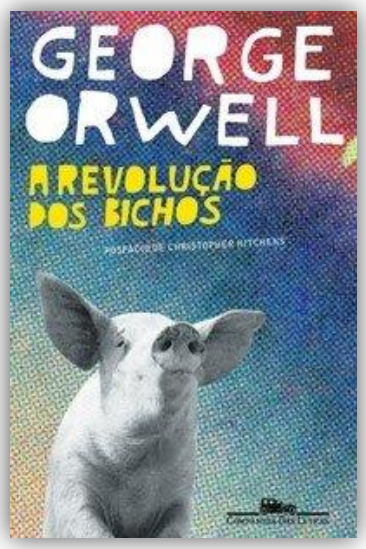
Quanto a mim, me aceito como obra, mas não me conformo. Acordo todos os dias sonhando em ser o maior edifício do mundo. Talvez eu não chegue lá, mas o processo da construção é mais empolgante que a certeza. Tem dias em que aceito que pode ser que minha obra nunca acabe. E até dou graças a Deus.

Victoria Tuler, curitibana nascida em 1995. Atua como roteirista e redatora freelancer. Quer ser escritora quando crescer, mas já se conformou que, talvez, ninguém cresça.

Resenha: A Revolução dos Bichos

"A Revolução dos Bichos" de George Orwell, e o Stalinismo, uma breve análise

Por Renan Tempest



Título original: Animal Farm
Autor: George Orwell
Gênero: Sátira, Sátira política
Editora: Companhia Das Letras
Ano: 2007

O Autor:

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu em 1903, na Índia, filho de um funcionário britânico e de uma francesa. De 1917 a 1921, estuda no Eton College, uma das mais tradicionais escolas inglesas, onde tem aulas com o escritor Aldous Huxley. Em 1933, publica seu primeiro livro, Na Pior em Paris e Londres. Em 1936, vai para a Espanha, lutar na Brigada Internacional em apoio ao recém-eleito governo popular. Lutando na Espanha (1938) narra suas experiências na Guerra Civil Espanhola. Jornalista, crítico, poeta, cronista e romancista, é um dos mais influentes escritores do século XX, famoso principalmente pela publicação dos romances A revolução dos bichos (1945) e 1984 (1949). Morreu de tuberculose em 1950, aos 46 anos, em Londres.

A Obra:

"A Revolução dos Bichos", publicado em 1945 por George Owell(1903-1950), é um romance que satiriza o stalinismo. O livro se passa em uma fazenda, a Granja do Solar, e conta a estória de animais que cansados de serem explorados pelos humanos promovem uma rebelião contra os seus donos, expulsando-os e apossando-se da fazenda. Os animais mudam o nome da fazenda para "Granja dos Bichos" e buscam alcançar uma sociedade ideal onde há igualdade e justiça, baseada nos princípios de um sistema político criado por eles, o animalismo, onde se repudiava tudo o que era humano, e tal sistema podia ser resumido em: "Quatro pernas bom, duas pernas ruim." Os porcos, por serem os mais inteligentes ficam na liderança, especialmente Napoleão e Bola-de-Neve, e no início a sociedade parece funcionar bem, porém, não demora muito para que os líderes passem a usufruir de privilégios em relação aos outros animais; apesar disso ainda prevalece a maior parte dos ideais iniciais do novo sistema. O pior acontece quando Napoleão, corrompido pelo poder, expulsa Bola-de-Neve à força da fazenda, e se torna o único líder. Logo, o Animalismo aos poucos é modificado e chega a uma ditadura igual ou até pior à dos humanos, onde ninguém pode pensar de maneira diferente do governo, e aqueles que ousam ir contra ele são silenciados à força ou desaparecem. Tudo o que os animais passam a fazer é trabalhar e comer – isto é, quando há comida – ficando sem tempo para pensar.

Contexto histórico que inspirou a obra

Em 1848, foi publicado o "Manifesto do Partido Comunista", por Karl Marx(1918-1883) e Friedrich Engels(1890-1895), um dos tratados políticos mais

importantes e influentes da história. Esta obra propunha a união dos proletários em todo o mundo contra a opressão burguesa, e dizia que só por meio da revolução haveria reformas sociais e melhores condições de vida para enfim se atingir uma sociedade igualitária, sem classes. Mais de 50 anos depois, no início do século XX, a Rússia era um país de economia atrasada e a extrema miséria e pobreza reinavam entre os trabalhadores rurais. O czar Nicolau II governava a Rússia de forma absoluta, ou seja, concentrava em si todo o poder, agindo antagonicamente à democracia. Por volta deste tempo, começa a formação de grupos de trabalhadores russos, sob liderança de Vladimir Lênin(1870-1924). Em 1917, a insatisfação popular aumentou, após a Rússia participar da Primeira Guerra Mundial, e destarte obter muitos gastos e prejuízos. Em outubro deste ano, enfim ocorre a Revolução Russa, onde Lênin assume o poder e baseado em Marx implanta o socialismo. Após a revolução, surge a URSS(União das Repúblicas Soviéticas), e se segue um período de grande crescimento econômico. Após a morte de Lênin, em 1924, houve uma grande luta interna pelo poder soviético, principalmente entre Trótsky e Stalin. Stalin acaba vencendo e logo expulsa Trótsky do partido e do país, depois mandando executá-lo. Stalin, rapidamente, torna-se um ditador absoluto, que mandava prender, torturar e matar aqueles que pensassem ou agissem contra os seus interesses. O stalinismo, como ficou conhecido o seu governo durou até a sua morte, em 1953.

Breve Análise:

Ao escrever "A Revolução dos Bichos", George Orwell inspirou-se em tais eventos históricos, e não são difíceis de notar as analogias feitas por ele: Major, o sábio porco que no início da estória propõe uma revolução é uma representação de uma mistura de Marx com Lênin; Sr. Jones o czar Nicolau II, os cavalos Sansão e Quitéria, que são muito fortes e trabalhadores, representam o proletariado; Bola-de-

Neve, o porco exilado injustamente seria claramente Trótsky; o ditador Napoleão seria Stalin, os cães que o protegem a KGB (polícia secreta soviética) e Garganta representa a propaganda do governo, que oculta a verdade do povo a fim de controlá-lo. Tanto a obra quanto os fatos históricos que a inspiraram, iniciam-se com sonhadores, que cansados dos sofrimentos e opressões pelos quais passavam, almejam a formação de um mundo melhor, inspirados pelas ideias de um grande pensador, e fazem uma revolução. O desfecho também é igual: ambos terminam em um regime totalitário.

George Orwell era um socialista democrático e, obviamente, neste livro não fez uma crítica ao socialismo e sim ao stalinismo, ou seja, à tentativa de Stalin de colocar o Socialismo de Marx em prática, pois como ele mesmo disse "Stalin traiu a Revolução Russa" e também: "nada contribuiu tanto para a corrupção da ideia original de socialismo quanto a crença de que a Rússia é um país socialista..."

O livro, do começo ao fim, é belíssimo, reflexivo e em momento algum torna-se enfadonho, ao contrário, é sempre muito envolvente, e há momentos que chegam a causar revolta e compaixão, como quando vários animais inocentes são executados a mando de Napoleão sob suspeita de traição, ou mesmo lágrimas, como quando Sansão será sacrificado como se fosse nada, embora tenha sido durante toda a sua vida fiel, prestativo e de ótimo caráter. E quando se pensa que tudo isso realmente acontecia com pessoas no período que inspirou o livro, o sentimento de angústia torna-se maior ainda.

É impressionante a originalidade deste livro, que ao tratar de assuntos tão sérios e profundos, vale-se de uma linguagem leve, simples e é contado através de uma fábula, tornando-o inteligível a todo tipo de leitor, desde uma criança até um leitor extremamente crítico. Impressiona também a atualidade da obra, pois apesar de ter sido baseada em um determinado período histórico, não é necessário conhecimento dele para poder lê-la, afinal mais que uma crítica a tal período, o

autor fez uma crítica a toda forma de autoritarismo e às mazelas humanas, tais como corrupção, traição, maldade, ambição e egoísmo. E inclusive pode ser analisado sob a ótica da sociedade atual, afinal o governo ainda não persiste em tentar distrair a população dos muitos problemas que existem através da propagação de mentiras e falsas esperanças? E não faz os de classe mais baixa trabalharem excessivamente, para assim não terem tempo para pensar e questionar? E a minoria que detém o poder não tem privilégios em relação ao resto? Enfim, são infinitas as analogias que podem ser feitas, o que nos faz refletir se não continuamos a viver em uma ditadura, apesar de disfarçada de democracia.

Por fim, pode se dizer que George Orwell, tendo presenciado o stalinismo, atingiu o seu principal objetivo, ao escrever “A Revolução dos Bichos”, que é o de mostrar ao leitor e fazê-lo realmente sentir, toda a irracionalidade, o egoísmo e os horrores que existem em uma ditadura, e como em vez de resolver os problemas sociais, ocorre um efeito contraproducente e ela acaba trazendo problemas maiores, concluindo que não é possível em uma sociedade onde o poder está centralizado em uma minoria, haver liberdade e igualdade.

Renan escreve desde os 13 anos. Participou de antologias de poesia, escreve para alguns sites literários, e ganhou alguns concursos de poesia. Seu primeiro livro solo está em projeto.

Alomorfia

Por Adriano Lima

Há quem pense que seja a alegria materializada.
Há quem pense que de seus lábios emanam eterno sorriso.
Há quem enxergue cativante brilho de paz em seus olhos,
e que seu coração, bata em perpétuo ritmo de valsa.

Eles não podem ver de onde nasce tudo que é.
Veem apenas a personagem que aprendeu interpretar.
lá, onde os sonhos se formam:
Existe o medo, a tristeza, a autocrítica.

Caminha perigosamente em uma linha de mínima espessura.
Não porque ama a loucura de viver se desafiando,
numa espécie de prazer pela angústia,
e sim, porque precisa arriscar.

Sim, é verdade que reflete luz.
Mas hoje, tem nuvens carregadas em si.
Não podem ser vistas, só sentidas.
são muitas e só suas.

Também é verdade que tem o dom da alegria,
Que traz virtuoso sorriso em sua face,
capaz de umedecer os olhos pela extrema felicidade,
no entanto, hoje, as lágrimas são de dor.

Mas como uma Fênix ressurge:

com força,

coragem,

bravura.

Vestiu-se de resiliência;

tem o mundo da janela.

Não traçará datas para seus sonhos;

Viverá plenamente, e deixará que eles a alcancem...

Adriano Lima Penha tem 30 anos, natural de Nova Iguaçu, RJ

Ao Cair da Tarde

Por Rubens Moraes Lace

As imagens do passado estão em nossas retinas, ocultas pelas dobras do tempo. Assim é com pessoas que nos são caras, mas que, por algum motivo, estiveram ausentes de nossas vidas por anos. Os laços de sangue continuam a nos unir, mas o dia a dia os afastou de nós. Então é que, com alegria, nos reencontramos. A marcação de um dia em especial se encarrega de nos aproximar. E vemos então, com surpresa, que a imagem que guardávamos está modificada. Cada um traz em seus rostos as marcas do tempo. Vislumbramos então os cabelos brancos, as rugas que sombreiam suas faces, o andar mais lento. São figuras que se sobrepõe ao guardado em nossa mente, com a realidade do momento atual. Como muitas outras manifestações, verificamos que o tempo os atingiu como atingiu a nós. E, até com certa ironia, brincamos com as limitações que os anos nos impuseram. As dores nas juntas, a dificuldade para abaixar-se, a cintura que se alargou, as mãos pintalgadas por marcas amarronzadas. E, este sim, a maior das ilusões, o sexo que já não é mais "tão importante". Dito isto, cientes mais uma vez que, se o tempo cura as dores da alma, ele castiga os corpos, nos reunimos em um dia especial, tendo como moldura a natureza, sempre pródiga em nos surpreender. Uma terra beirando um rio tranquilo, um lugar confortável para nos reunirmos, e a hospitalidade dos primos donos do lugar. Um dia para ser guardado em nossa caixinha de doces recordações. A ventura de nos reunirmos e recordarmos a odisseia de um italiano que aqui aportou no começo do século vinte, como muitos outros que aqui vieram para enriquecer a hospedeira com seu labor e alegria. Momentos de troca de lembranças, de brincadeiras, de sorrisos e de amor. As cabeças de cabelos esmaecidos, o andar vagaroso, constatavam com os jovens membros da mais nova geração da família, com seus gestos despojados, com carinhos aos mais velhos, numa simbiose amorosa que era de um dar e receber enriquecendo nossos corações. Primos queridos, suas famílias, suas crianças, netos e bisnetos. Uma doação que começou há, pelo menos, 120 anos, com jovens que aqui chegaram e que, no principio, trazia para esta terra somente o nome do clã que viria a se formar neste século e meio de vida. E aqueles pioneiros espalharam suas sementes, tornando, aqueles poucos homens e mulheres, numa grande e querida família. O sobrenome querido se perpetua e se espalha, vislumbrando uma cada vez maior comunidade de origem italiana, a emprestar aos donos das terras brasilienses, os esforços de bravas gentes. E, tomados por estes doces sentimentos, o dia se aproxima do final da tarde, e, nas cabeças dos patriarcas, numa analogia verdadeira, mostra que se vamos partir, talvez em mais alguns anos,

deixaremos para trás as sementes que crescerão e brotarão em novos herdeiros do sobrenome familiar. E, para alguns, o cair da tarde, figurativamente, nos mostra que o sol se porá também em mais alguns giros da roda chamada vida. E uma emoção nos assalta ao ouvir um jovem membro elevar a voz numa canção que todos conhecem, mas cantada perto, muito perto de nossos corações. Em alguns os sentimentos, embalados pela música, quase se rompem. E, na continuação das músicas, aqueles sabidamente emotivos, próprio de nossos ancestrais, não conseguem segurar as lágrimas. Numa dor alegre e sofrida, por ver que, apesar de toda força interior, o lento caminhar nos acompanha rumo ao destino. E as comportas se abrem, ao olhar o rosto querido de nossos irmãos.

BATUQUE

Por Alberto Arecchi

Ritmo de batuque batendo toda a noite. Iniciou cedo. Ao sair da escola, as meninas começaram a pular batendo o ritmo com as mãos. Meninas de idades diversas sacudiam suas pernas batendo sobre o fio da corda que andava à roda. Máscaras brancas de ocre no rosto, quase fantasmas saindo das vagas do mar. Faziam as capulanas subir até os quadris e batiam os pés ao ritmo dos palmos. Aquele batuque durou horas, não sabias se chamá–lo de dança ou de brincadeira. As garotas se revezaram para pular na corda, enquanto duas companheiras estavam girando–a sempre mais rápida, imitadas pelas irmãs mais velhas e pelas mães, com crianças pequenas penduradas às costas, até por algumas avós desdentadas.

Bastavam as mãos, duas varelas, dois pedaços de ferro para fazer o ritmo. A corda rodeava mais e mais rápida, rente o chão, enquanto os pés da bailarina mal se moviam, quase rastejando, rápidos, e pareciam apenas levantar–se os quadris, tremendo, com uma rápida, quase imperceptível oscilação, que lhes permitia não tropeçar na medula.

Nas casas, os pilões a bater o ritmo nos almofarizes com durra, milho e mandioca para fazer farinha. Aqui, também, parecia mais uma dança que uma tarefa do dia–a–dia da vida doméstica... O pilão voando, as mulheres batendo as palmas, antes de puxá–lo de volta no almofariz. Umas mulheres, de vez em quando, jogavam um solo. Elas aceleravam o ritmo, como querendo esmagar todo o milho da região.

A casca de milho voava por fora do almofariz. O pilão pulava ágil, voava para o céu, e ficava suspenso, enquanto a mulher batia os palmos. Uma vez, duas, três. As outras mulheres, tambem, ao redor dela, batendo palmos.

Os jogadores de tambores chegavam e acendiam um fogo de paus e palha, para aquecer as peles e para esticá–las, reforçando assim o som dos instrumentos. Fogo de palha, leve, capaz de esquentar e não queimar. Quando os tambores foram afinados e sintonizados, jogando sons cada vez mais penetrantes, uma multidão de crianças cercou os músicos, dançando sem parar.

O sol estava se pondo, os ruidos do dia davam lugar aos murmúrios da noite. As sombras eram mais compridas e a luz tornava–se avermelhada. O ritmo acalmou um pouco. Após, como fogo de brasas, pareceu que ele se recuperasse com a brisa da noite. Agora era o ritmo insistente do tambor de axila, que havia encontrado o seu tom e insistia, em uma sequela de batimentos frenéticos, como quisesse acabar com a pele do instrumento ou com a vara de percussão. Logo depois era o tambor grande, batido com os palmos das mãos, e quatro meninos – aparecidos do nada – recomeçaram o rastreamento de pés no pó, levantando os joelhos, contorcendo–se inquietos sem parar.

Na noite ressoaram as vozes metálicas das mulheres da aldeia. Elas cantavam e contavam baladas de dias passados, quando o povo reinava sobre a terra, antes que os brancos chegassem. Cantavam os feitos heróicos de reis e marinheiros, que tinham enfrentado as hordas de leões e as vagas do mar. Também cantavam tristes histórias de guerra, de morte, de emigração. Elas cantavam todo o sofrimento do

povo. Eu não sei exatamente o que estavam contando. Em meu coração apenas tocavam as vozes guturais que enchiam a noite, junto com as percussões frenéticas e inquietantes, como se chegassem desde a distância dos séculos… era batuque.

Alberto Arecchi é um arquiteto italiano, nascido em Messina, 8 de novembro de 1947 que tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos.

Conheça mais sobre o trabalho do autor em:www.liutprand.it

Coisinhas Miúdas

Por Tatiana Monteiro

Quero da vida as coisinhas miúdas.

Um bordadinho na fronha. Um doce de abóbora fervendo na panela. Um buquê de flor que as meninas cataram no jardim. Um bom dia dito com verdade. Um assovio inesperado vindo da janela ao lado.

Quero da vida aquilo que me cabe. O detalhe, o instante, o insignificante.

Quero da vida as coisinhas miúdas.

Uma garoa no fim da tarde. Uma fila de formiga no azulejo. Um silêncio para olhar o mar. Uma xícara de chá para serenar. Um barulhinho de grilo para dormir.

Quero da vida tudo aquilo que a gente quase não vê. O momento, o fragmento divino do tempo.

Quero da vida as coisinhas miúdas.

Um bilhetinho de amor em papel de pão. Um vento que sacode a cortina. Um gato que se espreguiça no sol. Um sorriso contente. Uma joaninha que vem me visitar.

Quero da vida o que ela me dá de presente. Assim, de repente.

As coisas grandes eu prefiro deixar para os especialistas. Política. Economia. Tecnologia. Não entendo das coisas grandes. Elas não me cabem.

O que me cabe é aquilo que me cala.

Tatiana Monteiro, coordenou a venda de seu primeiro livro, “Onde Habita Minha Alma – O CadernoEssencial”. Atualmente também escreve crônicas para o seu site ondehabitaminhaalma.com.br e é mãe de duas lindas meninas, Clara e Catarina.

Consta

Por Wlamir Souza

O que pode o amor contra o tempo?

Nada. Tudo!

Afinal, o que importa o futuro ao amor

Apenas o fato de que ele se rende

Num presente constante

Quando o amor se remete ao futuro

Incerto

Impróprio

Rompendo o presente constante

O futuro venceu

A vida se inverteu

O que pode o tempo contra o amor?

Tudo. Nada!

Rompendo os laços do desejo

Resta ausência

Do que poderia ser

Amor.

Wlaumir Souza nasceu em Espírito Santo do Pinhal-SP, mas vive atualmente em Ribeirão Preto-SP. Publicou seu primeiro livro de poesia em 2014, *Versos e Reversos do Amor.*

Curta a página do livro no Facebook:

https://www.facebook.com/versosereversosdoamor/

Desde Então

Por Thássio Ferreira

Certa manhã de azul dourada,
a cinco dias de caminhada
para além do fim do tempo,
despi-me à praia,
adentrei o mar, (lento)
deitei-me ao fundo.

Abri-me ao silêncio
e o silêncio fecundou-me.
Engendrou(-se) em mim
um sortilégio.

Veio a noite,
porque a chamei,
e pari num sopro
um espanto,
um encanto:
o encantamento
que o silêncio ensinara
à minha carne:

O encantamento que dava
vida às palavras.
Sorri(-me).
(Agora) a poesia me acariciava
feito o vento.

Retornei aos reinos do tempo,
e desde então, ao fim dos dias,
deito-me com os versos que conjurei.
Dormem em meus lençóis,
e quando sou eu que adormeço,
acordam para brincar
e gozar meu corpo em sonhos.

Desde então,
sou eterno.

Thássio Ferreira é um carioca apaixonado por leirura e escrita, participou de eventos literários e em 2016 lançou seu livro de poemas, *(DES)NU(DO).*

Doce Ilusão

Por Wesley Siqueira

Na memória, na lembrança
Guardo desejo oculto
De quando eu era criança
Almejava ser adulto

Que pena, pequenino
Não fuja da infância
Pois macio é o terreno
Ainda livre de arrogância

Se amostra grátis houvesse
De como é ser adulto
Não aguentarias o estresse
Nem mesmo por um minuto

Aproveita a simplicidade
Abuse de seus brinquedos
Esqueça tal maioridade
Descansa, ainda é cedo

De que adianta pagar conta?

Se de volta não se compra

Os tempos de inocência?

E que perdendo a essência

Sufocamos a criança

Na memória, na lembrança

ELA

Por Jackson Pedro Leal

Se for pra falar dela, direi então que ela me encheu o saco quase sempre que a procurei logo no início, e quando não enchia, eu sentia uma falta horrível. Ela conseguia ser a pessoa mais chata do mundo quando queria, e a mais doce, mesmo sem querer. Sensível, irônica, ciumenta e irresistivelmente sexy e ousada. Ogro, tonta, grossa, grande (e eu juro que tô falando da altura), rs. Leal, amiga, fiel, companheira, honesta, verdadeira e sincera. Tem o coração enorme, a alma linda e um caráter impecável. Se ela comete erros? Quase sempre. E volta, reconhece e corrige. Ou pelo menos tenta. Ela é uma mulher incrível. E quando ela tá brava? Ah, é a coisa mais linda. Mas ela não fica brava muito tempo. Eu falo com jeitinho, faço beicinho e ela desmonta (tenho essa vantagem sobre ela). Protege, cuida, mima e coloca sempre em primeiro lugar as pessoas que ela ama. Irritante, teimosa, insegura e estonteantemente linda - e nem é só por fora - . Se ela é perfeita? Claro que não! Ela tem imperfeições como um ser humano normal, e são elas exatamente que a torna única. Seus desfeitos são facilmente encobertos pelas suas inúmeras qualidades. E sabe qual é a maior de todas as qualidades? É ser minha! Ela é meu céu, minha menina, minha mulher. Meu anjo sem asas, é o amor da minha vida. Ela transformou o meu mundo. E se for pra falar de mim, direi apenas que, sou um homem de sorte. Porque quem tem uma mulher como ela, tem tudo. Ela me faz bem... Ela me faz feliz... Ela divide a vida comigo e isso é a melhor coisa que existe. Espero sempre guardar-te na estante dos meus melhores feitos. E, que ao final desse texto, ela sorria. Sem medo de que eu esteja a enxergando. Só sorria com simples objetivo de saber que os nossos momentos serão sempre nossos e que seremos sempre uma lembrança-sorriso dentro dos nossos, hoje juntos, corações num só. Era por isso que eu adorava ficar com ela. Nós podíamos fazer coisas simples, como jogar estrelas-do-mar de volta na água, comer um hambúrguer e conversar, mas, mesmo naquela época, eu não tinha noção da minha sorte. Porque ela era a primeira mulher que não tentava me impressionar o tempo todo. Ela se aceitava, mas, além disso, me aceitava do jeito que eu era. Então nada mais importava, nem a minha família nem a dela, nem qualquer outra pessoa no

mundo. Bastávamos nós dois. - Ela se deteve. - Não sei se já cheguei a me sentir tão feliz quanto hoje em dia, mas, pensando bem, era sempre assim quando estávamos juntos. Eu não queria que acabasse nunca. Ela se tornou especial rapidamente.

Não sai da minha mente. Percebi que era amor, quando ela ia dormir e eu ficava relendo as nossas conversas com saudade dela. Lembra todas as vezes em que ela falava " ---- você me ama? Minha maior vontade era dizer para ela isso e convencê-la disso, mas não conseguia. E ao invés disso, eu sempre dizia: Eu gosto pra caramba de você. E você tem se tornado meu anjo da guarda. Minha estrela guia e meu amor à primeira vista.

"Eu te amo"... Sim, dessa forma, juntinho, sem espaço pra amar mais ninguém, sem vírgulas e sem pontos finais. E é dessa forma que eu me vejo ao seu lado, sem barreiras, sem distância me impedindo de vê-la, de abraçá-la, de beijá-la, sem nada que me impeça de tê-la por perto, sem brigas banais, que por muitas vezes, faz com que nos afastemos mais um do outro. Sem qualquer tipo de fim. Eu espero que seja assim com ela. Que seja longo apenas os momentos felizes, e não importa quanto tempo durar, se forem eternos ou não, eu sei que valerá a pena. Finalmente eu tomei coragem para fazer o grande pedido a ela. Pedi ela em namoro. Mas ainda existia um certo medo dentro de mim, sabe? talvez medo da resposta ou de como ela ira reagir diante desse pedido. Passei o dia inteiro escrevendo um texto de pedido pra ela. Talvez um texto com palavras lindas ou resumindo todo esse sentimento por ela. Enfim. Já estava chegando à noite e eu tinha que tomar logo essa atitude. Enviei o texto e saí. Ela me respondeu e eu não queria ler naquele momento. Fui para casa e comecei à ler o texto dela. No início eu estava com medo, pois parecia que ela não iria aceitar, mas aí no meio de texto foi ficando cada vez mais empolgante. Juro que tentei segurar às lágrimas, mas quando percebi já estava chorando. Mas foi choro de felicidade. Por ler bem no final que estava escrito: " ---- Sim, eu aceito namorar com você" Foi aí que minha vida mudou completamente. Por tê-la do meu lado, a pessoa que sempre esteve ao meu lado, sempre me ajudando e me dando forças. E hoje nós somos mais que amigos. Hoje posso dizê-la "Eu a amo pra caramba" ao invés de "Gosto de você pra caramba." Não desisto dela, tampouco desisto de nós. Não desisto da pessoa que ela se tornou. Nem desisto do que esse sentimento me fez tornar. Nunca desisto dela antes do "eu" em qualquer

hipótese. Não desisto dessas tentativas sempre falhas. Não desisto de passar noites em claro, tentando descobrir onde foi que errei. Não desisto de acreditar que o erro foi meu. Mas não desisto até dessa esperança que me mantém. Jamais desisto daquele seu olhar que sempre enxergou o melhor para nós e estimulou-se ante ao necessário. Desisto dos pés dela que tentavam guiá-la para longe daqui, e que não foram capazes de trazê-la novamente. Não desisto daquela sua boca, que sempre gritou aos quatro cantos o quão nobre era o amor, e não se calou quando ofereci o meu. Não desisto! E jamais desistirei dela, não de nós. Eu não garanto bonança e nem calmaria. Eu a dei meu ombro e o que mais for viável. Sorrisos, abraços, conselhos, olhares e também lágrimas, decepções e tristezas. Dias ensolarados, outrora, dias de tempestade e fúria. Talvez ao meu lado ela se preencha ou talvez eu apenas compartilhe minha solidão. Talvez eu a dê todo o amor que eu não sabia que em mim cabia, quem sabe, talvez, eu não a dê nem "Bom Dia!". As pessoas não têm garantia, não são datadas. Talvez eu a dê tudo, talvez eu não a dê nada. Somos assim mesmo, abismos profundos, oscilações perigosas. Não me odeie por não caber em estatísticas de risco ou em previsões milimetricamente calculadas. Não somos matemática, somos carne. Nós nunca vamos parar com isso.

Nós temos aquela química, quando um está perto do outro, ou bem próximo, até onde os olhos não podem ver, eles pegam fogo. Era só um lembrar do outro, que pronto... algo subia desde seus dedos dos pés, ate a nuca. Nós não conseguimos explicar o que era aquilo, mas estava na cara que um desejava o outro. Quando nos víamos, os nossos problemas tornavam-se um só, um cuidava do outro e era isso que fazia algo crescer dentro de nós. Sorrisos eram distribuídos por todos os lados, e não havia motivo ou explicação. Nós éramos discretos, não queríamos que outros soubessem, talvez não agora. Acreditávamos que quanto menos soubessem, mais poderíamos viver desse jeito aventurado, cheio de mistérios. Nós não sabíamos o que éramos, não sabíamos se seríamos, o que nós talvez queríamos, mas tínhamos medo de sermos e querermos e toda essa magia acabar. Vivíamos assim, nesse sentimento que não davam definição, não tínhamos explicação, mas era algo grande, bem grande, que ficava ali, ocupando quase toda parte dos nossos corações. Ela chegou tão perto de me fazer acreditar que, o que eu sentia era o melhor sentimento de todos que já havia sentido. Ela veio assim, sem intenções e eu sem pretextos de que um

dia eu a queria. Por isso deixei ela entrar e ficar o tempo que quisesse, mas ela me bagunçou, me inundou. Eu não me importei, contanto que fosse sempre só eu e ela. Juntos, enfim. Feliz assim. E quando eu realmente gostei da ideia de que ela poderia ficar, foi embora. A gente faz tudo ao contrário, ela some e eu que a procuro. Somos um caso perfeito, até quem não nos conhece sabe. Hoje, vencemos a distancia que antes virou nossa rotina. Até ontem, eu repassava as noites e as palavras que trocávamos antes de dormir. Agora, durmo com ela do meu lado, numa cama maior e confortável e com seu cheiro irresistível. Com a sua perna sensual me acordando no meio da noite para fazermos amor. Sabe, o mais interessante não é quando a paixão aflora, porém quando se estabele um sentimento maior. Porque dele pode virar amor de verdade, carinho e um pingo de respeito. Agora, o mais triste é quando tudo isso vira nada, porque depois disso, nada mais pode acontecer. O afeto que a gente tem do nada, vira sempre vazio e indiferença. Ainda está na hora de ascender-se, dessa mania de pensar nela sempre que algo dói e de deixar alguma mágoa exposta, latejando sempre que falam sobre nós. Está na hora de nos unirmos cada vez mais, de irmos juntando os pedaços de uma vez que tentaram nos desvencilhar um do outro. È lindo e muito mais porque a gente não consegue esconder. os nossos reais sentimentos de amor um pelo outro. Ela entrou na minha vida meio assim, sem jeito, me conquistou com seu jeito meigo de ser e com sua forma única de expressar seus sentimentos. Diz que me ama, que me quer. Prefiro ver e sentir as palavras que são ditas no dia-a-dia, o amor é uma delas. Ela em um único encontro fez tudo o que poucas pessoas fizeram em toda minha vida. Deu o que eu mais precisava em tão pouco tempo. O carinho dela e sua atenção, era o que eu mais precisava, e ela ainda conseguiu dar mais do que eu merecesse naquele instante. Só posso dizer que, amo estar com ela. Se eu ainda não disse para ela o quanto adorei de ter lhe conhecido, eis aqui a resposta; sim. Um sim como eu diria no altar. Escrevo todos os dias para ela ler, crio, invento, e reescrevo, mas não tem uma vírgula que você não esteja, e todos os pontos são de continuação, para um novo começo de uma história a ser escrita pelas mãos de um humilde aspirante a escritor como eu. Pois, uma história como a nossa, merece ser escrita, não pra mostrar pra alguém, mas sim ao mundo. Eu hoje, vejo estrelas na escuridão de sem luar. Hoje, imagino nós dois novamente juntos. Hoje, sou eu e você e mais ninguém. Eu queria escrever mais, eu queria até mandar cartas num papel que tenha o meu perfume, como nas histórias de Romeu e Julieta, como Querido John e Savannah, só que ainda não sei se vai gostar dos

meus clichês. São vários, mas, são todos dela. Eu a adoro muito, sinto saudades, a adoro, cuido, a quero todo instante... Ahhh, eu tenho um amor extremo e imensurável por ela... Minha deusa! Minha Cleópatra!!!!

Jackson Pedro Leal nasceu em João Pessoa-PB

"Entrevista"

Por Chiquinho Modesto

Semana passada, quando achava que tudo estava dando errado pra mim, já desanimado, sem emprego, afogado na bebida e às voltas com problemas de relacionamento, percebi que não tinha mais como piorar, logo precisava tomar uma atitude.

Sentado em frente a um computador, navegando pela Internet, na tentativa de encontrar um consolo e solução, recebi uma mensagem.

No momento fiquei sem entender, mas após identificar o assunto e vendo que havia a assinatura de um remetente, S.E., aceitei-a. Afinal havia conversado anteriormente com muitas pessoas e distribuídos vários currículos, buscando melhorar aquela situação. Observei que a mensagem era para uma entrevista urgente, a qual não poderia faltar, sendo aquela, uma ótima oportunidade. Naquela ansiosa expectativa, me recolhi ao quarto para meditar, na preparação de como me apresentar para a entrevista e cansado acabei dormindo.

Posteriormente, vestindo com humildade e modéstia saí ao encontro de quem me chamara.

Na sala de visita, fui recebido por uma senhora recepcionista, que já me aguardava, se identificando por Saudade.

- Interessante seu nome, indaguei.

Simplesmente me respondeu:

- Tem gente que não acha, mas tudo bem, não me incomodo, estou aqui para acompanhar a todos.

Solicitando que eu aguardasse um pouco, foi me anunciar a alguém em outro ambiente. Ao retornar me explicou:

-Já estão lhe esperando no salão central dizendo ainda:

-Quando entrar notará uma mesa grande, onde estarão duas cadeiras altas na outra extremidade com uma luz verde entre elas, assente em sua cadeira, na ponta desta mesa e, em silêncio observe.

Procedendo como indicara a recepcionista assim o fiz. Sentei na cadeira no inicio daquela grande mesa, percebendo que nas duas cadeiras, ainda vazias, havia uma inscrição em cada uma delas, não sendo possível lê-las devido a distancia que me encontrava. Aos poucos aquela luz verde foi mudando de cor passando para um tom amarelado e por fim vermelho, iluminando simultaneamente àquelas cadeiras. Neste momento consegui ver o que estava a minha frente. Eram apenas duas cadeiras. A do lado direito com a inscrição Amor e a do lado esquerdo Ódio, percebendo então, que a entrevista era eu comigo mesmo.

Depois de algum tempo ali naquele diálogo interior, em silêncio, pensando em tudo em todos, me apareceu outra senhora que se prontificou a me ajudar, perguntei lhe o nome, o qual ela me disse em tom baixo:

- Socorro

Ela então chamou por sua mãe, que veio também ao meu encontro.

E chegou uma jovem linda, o que me fez estranhar, pois era mais jovem e mais bonita que a senhora que acabara de chamá-la por mãe. Percebendo minha estranheza, ela sorriu e disse:

- Todos reagem assim, mas quando eu era ainda criança, recebi uma graça e desde então tenho me conservado desta forma eternamente. O senhor nunca ouviu falar que a Esperança é a última que morre? Pois é, muito prazer sou eu!

E me estendendo a mão pediu que eu levantasse, pois iria me conduzir sendo aquele o momento que teria de decidir em qual das cadeiras deveria assentar.

Segurou minha mão com firmeza e antes que me decidisse por qual cadeira tomar, me apresentou uma outra jovem, que também veio ao meu amparo.

- Esta é minha companheira de caminhada e estaremos sempre juntas com você onde e quando quiser, é só nos chamar. Ela se chama Fé.

E amparado pelas duas, tomei o meu assento, com a luz retornando a tonalidade verde, entendendo que a assinatura S.E. da mensagem significava:

"Sua Escolha".

E em cima da mesa havia um pergaminho onde estava escrito:

"Todas as vozes do mundo não serão maiores nem melhores do que a voz interior, pois as primeiras chegam aos ouvidos e a segunda ao coração".

Chiquinho Modesto é formado em Administração, 55 anos, casado, três filhos, membro da Academia Formiguense de Letras, com trabalhos publicados em jornais locais, participações em concursos e antologias nacionais.
Tem nove livros escritos, ainda não editados.

Conheça seu trabalho:
http://paduadesousa.blogspot.com.br/

Estalactite

Por Raul Andejo

Pinga a gota!

Da caneta ao papel,

Daqui ao mais distante povoado!

Pinga a gota!

Que enaltece o céu,

E me torna eternamente enraizado!

Pinga a gota!

Que me retira o fel,

Molhando meu corpo enferrujado!

Pinga a gota!

Mostrando ao alambique o gosto do mel,

Abrindo meus horizontes deste universo tão fechado!

Pinga a gota!

Fermentada lentamente,

Inspirando-me em palavras verdadeiras!

Pinga a gota!

Absorvida pelo meu corpo latente,

Sintetizada por enzimas certeiras!

Pinga a gota!

Que de líquido se transforma em semente,

Metamorfoseando-a mesmo que não queira!

Pinga a gota!

Que alimenta uma míope mente,

Que passará a enxergar de outra maneira!

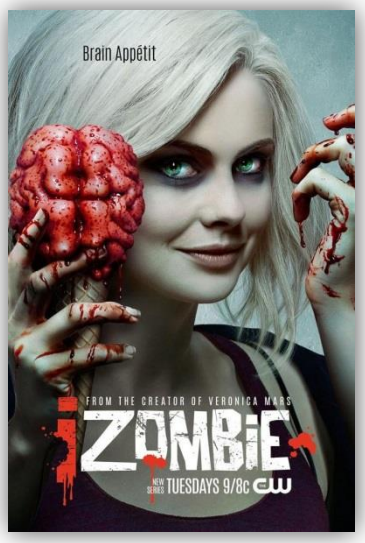
Pinga a gota!

E deixe que continue pingando!

Raul Andejo é um médico veterinário graduado. Servidor público federal do Ministério da Agricultura, possui vários artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais de sua área de atuação

Resenha: iZombie

Por Rosana Mezzomo



Direção: Rob Thomas, Diane Ruggiero.

Ano: 2015

Duração: 45 episódios de 42 min (em média) divido em 3 temporadas.

Pais de Origem: EUA

Para não dar spoilers, iZombie é mais ou menos um *CSI* (ou não). Embora, a garota que ajuda a descobrir os crimes seja uma médica-legista-zumbi. Não está entendendo nada? Vamos recapitular, Olivia Moore (Rose McIver), mais conhecida como Liv, estava no caminho de se tornar uma grande médica, com um noivo incrível: Major Lilywhite (Robert Buckley), aqueles de contos de fadas sabe? Mas aí ela vai a uma festa em um barco, onde acaba sendo arranhada por um zumbi quando tenta fugir. Acontece que duas substâncias misturadas acabaram transformando um bando de pessoas em comedores genuínos de cérebros.

Como os seres humanos preferem mascarar a ver a realidade de fato, na maioria das vezes, aquela noite é marcada por “O Massacre na Festa do Barco”, onde, segundo os jornais, um bando de jovens descontrolados começou a se matar. Liv acaba mudando o emprego, de médica a médica-legista (afinal de contas, não se consegue cérebros de um modo melhor).

Para ajudar a resolver um assassinato que Clive Babineaux (Malcolm Goodwin) está investigando ela inventa que é vidente, já que ao comer o cérebro das vítimas, ela vê coisas que as vítimas viram. Os dois acabam virando parceiros e Liv encontra um novo objetivo. Seu colega legista, Ravi Chakrabarti (Rahul Kohli), acaba descobrindo sua verdadeira natureza e se torna seu aliado, afinal de contas que médico não iria adorar ver um novo tipo de ser? (Vocês precisam ver a reação dele, sério!).

O mais legal aqui, é que a Liv adquire a personalidade das pessoas cujos cérebros ela come: baterista, maníaca perseguidora, cientista, gamer, mágica, treinadora de basquete, jovem idiota da faculdade (“e ai, bro?”), mulher rica, entre muitas outras, a que mais acho engraçada é a de um homem que dava aulas durante o dia e era um “super-herói” à noite, Liv acaba falando coisas como “A justiça precisa ser feita, não podemos deixar esses covardes impunes” e Ravi adora isso.

Mas vem problema por aí, o cara que transformou Liv volta para a vida dela: Blaine "DeBeers" McDonough (David Anders) depois que ela começa a procurar por ele. E Liv descobre que no fim das contas, não foi só ela que sobreviveu ao massacre.

iZombie é baseada em uma HQ, mas a série e a história em quadrinhos são totalmente diferentes, o nome de alguns personagens sofre mudanças e a história em si também, na HQ Gwen (Olivia Moore na série de TV) já é zumbi e trabalha como coveira. Ela foi enterrada e saiu de seu túmulo. Dada como morta, ela vive sozinha numa cripta e se alimenta pelo menos uma vez por mês. Não só isso, como também possui uma melhor amiga fantasma e um amigo terrier-zomem. No universo dos quadrinhos não se limita apenas a zumbis, como há também outros seres sobrenaturais. A história se desenrola sem contar muito sobre o passado de Gwen. Como na série, Gwen resolve crimes, mas os cérebros falam com ela nesse caso.

Ambos são incríveis para mim, mas acho que cada um tem seu gosto, não é?

OBS: A terceira temporada sai em Abril nos EUA, estou aqui muito ansiosa esperando!

OBS.2: Adoro a música de abertura da série! O nome é*: Stop, I’m Already Dead*

Jogo da Vida

Por Luciana Elotério

A vida é uma eterna descoberta. Plagio essa frase com a certeza da veracidade nela contida.
Mas é minha, somente minha, a experiência vivida.
E como é bom! Descobrir a cada novo instante novas coisas, novos sonhos, novas perspectivas, e atrelado a tudo isso, a velha e permanente vontade de descobri mais e mais.
Eu ainda sou criança, que aprende a partir do nada, me encanto, desencanto.
As vezes, me deslumbro como adolescente e vejo delícia e malícia em tudo.
Já passei por muitas fazes da vida, e algumas foi game over.
O bom é que sempre podemos reiniciar o jogo e tentar de novo, cada vez mais experientes e determinados, sabendo onde devemos e não devemos pisar. O hilário é que distraidamente ou por teimosia mesmo, você volta a pisar no mesmo terreno, faz tudo errado, e leva caldo, de novo e de novo.
Mas nesse jogo da vida, ganhar é tão desafiador, que você continua jogando e pagando pra ver.
E quando passamos de um nível ao outro? Ai que sensação de ter aprendido a lição! Ai, que vontade de ver e viver o que nos reserva a nova fase. Daí você vai de peito aberto mesmo, leva golpes, cai, levanta, ganha mais vida.
Agora o objetivo é sobreviver e ir subindo de fase, até alcançar o objetivo final. Até lá, sabemos que ainda apanharemos muito, e levaremos muitos tombos, mas o play foi dado e o resultado da partida depende somente de nós.
E mesmo que tenhamos que começar e recomeçar tudo de novo, jamais entregaremos os pontos. Afinal! Esse é o jogo da vida, onde não se perde nunca, mas aprendemos sempre!

Luciana Eleotério é dona de casa, nascida em Afonso Claudio, ES.

Juntos

Por Emerson Monteiro de Souza

Eu sou o vento – diz o vento. E ele sopra seu bafo invisível em cada humano vivente no mundo. O vento entra e se vai, vai para cima, vai para baixo, direita e esquerda. Ele, se quiser, invade. Está aquém e além. Movimenta-se para onde quer ir, não vai contra seus desejos, acata sua autonomia. É de si mesmo. Ele é seu próprio capitão. O governante é ele quem elege e ele mesmo quem governa. O vento pode destruir. O vento pode restituir. Ele carrega a vida para nós – nós nos enchemos do ar que é a essência do vento. Ele tem fúria: furações, tornados, tufões, grandes tempestades. O vento não é bom. O vento não é mal. O vento é somente vento. Igual a ele próprio. Ele é o que é. Somente o vento é livre.

Mas eu não sou livre.

Meu nome é Cássia, sou cuidadora de um velho se fragmentando pouco a pouco. O velho Bartolomeu está se esfacelando. Ele está ruindo devagar, a morte o ronda. Porém, *ele não morre*, porque depende dos meus cuidados em conservar a sua existência. Dou-lhe remédios. Dou-lhe banhos com esponja. Limpo-o. O velho vai continuar existindo enquanto meus cuidados a ele forem existentes.

Mas eu não sou livre!

O velho interrompe meu existir fortuito com suas reivindicações farmacológicas. O velho é uma pedra no meu caminho. Ele embota meus pensamentos. O velho é uma barata impertinente. O velho é o mosquito zunindo no meu ouvido. Ele é mau-caráter. Ele baba. Ele ronca. Ele peida. Ele coça as genitálias e solta sons estranhos nas madrugadas.

O velho Bartolomeu tem uma doença. A doença é me importunar.

Ele tosse, ele sangra. Ele tem crises de vômito, convulsões e diarreia.

E cabe a eu cuidar dele. Eu abro a dispensa, esmigalho as pílulas e despejo no copo d'água (a velhice do velho é tão avançada que só pode tomar líquidos, nada mais nele funciona). Ele bebe, diz que já se sente melhor, aí solta um gracejo sobre mim, uma cantada estúpida:

– O seu pai só podia ser padeiro, porque a Senhora é um sonho D. Cássia.

– Oh! Pare com isso, Senhor Bartolomeu. – Eu fingia ficar encabulada. *Aquele velho safado*!

Mas eu hei de me ver livre dele. Para ser livre enfim!

Porque quero muito ser livre!

A manhã resplandeceu límpida. Era o aniversário do Senhor Bartolomeu. Ou seja, mais um ano de vida que ele venceu e que tolerei o seu existir. *Velho desgraçado*! Por que não morre logo? Mas hei de providenciar isso.

Fui à mercearia, logo comprei a cerveja que o velho tanto amava – e que o deixou no estado de saúde atual. A cerveja, sei, não vai matá-lo por si só. Mas o cianureto vai.

Já em casa, despejei num copo de vidro o líquido fedorento a álcool – lembrava urina. Mas o velho gostava. Então, com risadas de expectativa feliz, despejei o cianureto – veneno mortal. Misturei com uma colher (eu ouvia o retinir metálico como um prenúncio de morte do velho). *Serei livre*!

Entrei no quarto, e o velho estava sentado na cama. Aquele olhar cansado e farto, seus olhos baços, rugas no rosto, rugas nos ombros, rugas nas mãos (ele era todo enrugado!). Sua pele branca parecia papel amassado. Era encurvado. Era feioso. Mas em suas mãos havia algo que me despertou alegria: era um morango! Como eu amava aquela fruta doce! O seu gosto era uma festa dentro de mim. Era uma tentação. Mas voltei ao meu objetivo. Ofereci ao velho o copo de cerveja.

– Dessa vez, porque é o seu aniversário, vou deixar tomar um gole. Só um gole.

Ele pegou o copo, estava felicíssimo, exageradamente feliz. (*Velho-morrerá*.) Mas o morango na sua mão me atraia.

– Oh! Isso? – O velho ofereceu o morango para mim. – Tome, é para você. Eu sei que você gosta. Por isso, quando o vendedor de morangos passou aí na frente de casa, comprei um para você. Tome.

Eu peguei a fruta, aconcheguei-a em mim. Como estava feliz! Como estava feliz!

Mas o velho ainda não havia tomado a cerveja. A cerveja envenenada.

– Beba, Senhor Bartolomeu. Beba.

– Vou beber. – Então ele me incitou: – Coma seu morango, D. Cássia. Coma.

– Vou comer.

Eu aproximei o morango da minha boca (o cheiro adocicado me invadiu). Enquanto que o velho começou a virar o copo.

Eu serei livre! *Eu serei livre*!

Deus. Deus é o tudo e o nada. O que é, o que não é. Ele escolhe quem vive. Ele escolhe quem morre. Ele é o Senhor da Vida e da Morte. Ele está acima de tudo, acima de qualquer um. Não há ninguém acima de Deus. Além de Deus? Não. Não há. Por isso ele governa. Governa também porque é dono de si mesmo. Ele é o ser em si e por si, sendo *ele* próprio. Ele escolhe suas ações e não é reprimido por isso. Ele não é recatado. Ele não é prisioneiro. Ele não é cerceado. Ele é livre. Somente Deus é livre!

Mas eu não sou livre.

Meu nome é Bartolomeu. Estou velho e doente. A morte me assombra. Mas não sou triste por isso. Tenho minha vida. Tenho vivacidade em mim – o desejo de viver ainda me insufla. Sou vivo. Porém, há um empecilho: Dona Cássia. A mulher é minha cuidadora. Ela é responsável por me dar remédios amargos, banhar-me e me limpar. Não gosto disso. Sinto-me prejudicado. Os cuidados dela me prejudicam! Sim, é verdade. Cuidados em demasia não são bons. Pois cerceia o espírito, cerceia a vida. Cerceia a inventividade. Enquanto a mulher existir, serei prisioneiro dos seus cuidados higiênicos e frios, sem amor ou afeto.

Não sou livre!

A mulher é o anel que cerca minha sobriedade, meu lazer, meu relaxamento com as coisas. A mulher é um estar nocivo. Ela é o ajuntamento corpóreo no meu existir outrora livre. Ela é o estrume embolotado no meu caminho de rosas. Ela é uma interrupção no meu viver antes fluido. Ela é feia! Ela tem buço! Seu cabelo é desgrenhado! É frívola! É gorda! E acha que a vida é doce, como os malditos morangos que idolatra.

Dona Cássia tem uma obsessão. A obsessão de cuidar de mim.

Ela chega com remédios liquefeitos em água e me obriga a bebê-los. Ela insiste em cuidar de mim. Mas eu não quero seus cuidados! Eu não quero seus remédios. Deixa que a doença, um dia, se esvai ou morra comigo! Eu quero viver livremente. Sem cuidados, sem remédios, sem *ela*. Mas a mulher não entende. Ela é estúpida! Ela é fria, ela não sente nada! Às vezes, tenho o impulso de lhe despertar algum desejo lascivo ou fazê-la sentir-se desejada. Faço um gracejo, medíocre sei, mas o faço com esperança de ela sentir-se bem.

– O seu pai só podia ser padeiro, porque a Senhora é um sonho D. Cássia.

– Oh! Pare com isso, Senhor Bartolomeu.

Ela ficava encabulada, cheia de vergonha. Quanta ingenuidade! Quanta estupidez!

Mas em mim ainda vibra o desejo de liberdade. E somente eu poderei fazer-me *livre* dela.

Porque quero muito ser livre!

Era uma manhã calma e pura. Era o dia do meu aniversário. Era o dia perfeito para eu fazer-me livre – será como um *renascimento*. Dona Cássia havia saído. Não sei para onde fora. Nem me interessa saber! Torcia para que tivesse levado um tiro num assalto, ou fosse atropelada na avenida. *Mulher desgraçada*. Por que não morre logo? Mas eu providenciarei isso.

O vendedor de morangos, eu o ouvia:

– Morangos! Morangos a dois reais!

Que oportuno!

Pela janela da sala, eu o chamei. Logo comprei os tais morangos. A mulher era amante cega dessa fruta (ela mataria ou sacrificaria um filho por essa fruta!)

Sei que o morango não vai matá-la. Mas o veneno para rato vai.

Na cozinha, fiz uma pequena fissura na fruta com a faca e, ali dentro, despejei o pozinho preto – veneno mortal. Eu gargalhei. Já até pressentia minha vitória. *Serei livre*!

Então ouvi a porta da sala sendo aberta, peguei o morango envenenado e corri para meu quarto. Sentei na cama. Eu não me aguentava de tanta ânsia em dar logo este meu presente a ela.

Serei livre!

A mulher entrou no quarto. Aquele seu olhar animado, cheio de otimismo idiota. A pele branquela com manchas escuras nos ombros. A gordura do bucho dilatado saindo da blusa. As coxas roçando uma contra a outra. Era flácida. Um bicho feio. Mas em suas mãos, vi algo que fez meus olhos brilharem: um copo alto de cerveja. Como eu amava aquele líquido precioso! O gosto descia em mim, *rasgando*, e eu o suportava – sentia-me mais macho! Era bom. E ela me oferecia tal néctar:

– Dessa vez, porque é o seu aniversário, vou deixar você tomar um gole. Só um gole.

Eu tive que conter minha felicidade, enorme felicidade. Peguei o copo – peguei-o como se agarrasse um filho que amava. Mas vi que a mulher lambia os lábios, desejando o morango. Eu comecei a encenar:

– Oh! Isso? Tome, é para você. Eu sei que você gosta. Por isso, quando o vendedor de morangos passou aí na frente de casa, comprei um para você. Tome.

Ela pegou a fruta. Ela ficou feliz. (*Mulher-morreá*!)

Eu fiquei na expectativa de vê-la morder o morango, foi aí que ela falou:

– Beba, Senhor Bartolomeu. Beba.

– Vou beber. – Então eu a incitei, com discrição: – Coma seu morango, D. Cássia. Coma.

– Vou comer.

Ela aproximou a fruta da boca, eu já cantava vitória com a boca do copo nos meus lábios.

Eu serei livre! *Eu serei livre*!

Morreram por amor

Idoso e sua cuidadora se envenenam e morrem juntos

Bartolomeu Gonçalves Dias, 87 anos, e sua cuidadora, Maria Cássia Andrade, 30, se envenenaram na manhã de ontem, 27 de janeiro. Segundo a ex-esposa do idoso, o Senhor Bartolomeu tinha um caso amoroso com a Senhora Cássia. Porém, por medo da reprovação dos filhos, o homem e a mulher se envenenaram e morreram juntos sobre sua cama, seu ninho de amor.

(Nota publicada em jornal de grande circulação em 28 de janeiro de 2004.)

Emerson Monteiro de Souza, 21 anos, nasceu em Belém, Pará, Brasil. Atualmente reside próximo à capital, na cidade de Ananindeua. Cursa o 3° semestre de Licenciatura em L. Portuguesa, na Universidade Federal do Pará. Para ele, escrever é um ato de liberdade catártica e uma prisão; é uma benção e uma maldição.

Mise en abyme

Por Rafaela Figueiredo

os espaços
não escondem segredos
: revelam
como côncavos-convexos espelhos
enovelam
toda matéria
num dentro-fora
dos limites da ficção científica
é imagem-objeto
cuja artéria
é como o tempo
do primordial segundo
ao penúltimo
no instante inconsútil
[se] expandem
suas singularidades
feitas todas de agora e antes
num vice-versa
de [re]versos
universos...

Rafaela Gomes Figueiredo

Carioca, 29 anos, formada em Letras, poetisa amadora (e ama mesmo).

Possui um livro de poemas publicado – *O meio do avesso* – e atualmente está prestes a terminar o seu segundo.

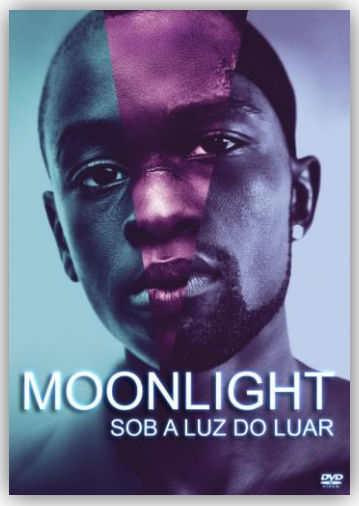
Oscar 2017: sob a luz de Moonlight

"Chega uma hora em que você precisa decidir quem vai ser. Não pode deixar ninguém decidir isso por você." (Juan – Moonlight)

Por Rebeca Jordão



Após um período de sucessivas e duras críticas decorrentes da cerimônia do Oscar 2016, que culminou em denúncias contra a ausência de negros concorrendo ao prêmio, eis que Moonlight entra na disputa para, literalmente, desbancar a concorrência branca: o longa levou o prêmio de melhor filme e não foi por acaso.



Moonlight: sob a luz do luar trata, de maneira profunda e tocante, da vida do menino Chiron, que tinha tudo para dar errado na vida - filho de uma mãe-solo viciada em crack, negro, introspectivo, morador do subúrbio e homossexual – mas, sob o olhar sensível da maioria dos espectadores, deu certo (explicarei isso mais abaixo). Sabiamente dividido em fases da vida – Little, Chiron e Black

–, *Moonlight* mostra com profusão a jornada do autoconhecimento, pela qual a maioria de nós, seres humanos, passamos, mesmo sem, assim como o protagonista, nos darmos conta disso.

Apesar de ser um filme 100% feito por negros e filmado sob uma realidade decorrente do passado histórico escravocrata, o roteiro é visivelmente denunciador de uma realidade comum a muitos brancos em vários lugares do mundo, afinal, ser vítima de chacota e descaso por ser socialmente desfavorecido é algo que vai além da cor da pele.

Chiron, desde criança, rema para do lado oposto da maré "o homem é produto do meio em que vive", defendida tanto por Vygotsky quanto por Marx. Em contrapartida das influências sociais sofridas por quem vive no subúrbio de Miami da década de 80, que foi separado por um muro dos bairros habitados por brancos, Chiron tenta se desvencilhar dos caminhos do tráfico: mesmo tendo encontrado na casa de Juan, traficante local, carinho, cuidado e consolo, o garoto, durante toda a infância e parte da adolescência, permanece em refutação da realidade em que está inserido, não se envolvendo com a atividade de seu "padrinho" Juan e nem se aprofundando nos porquês do vício da mãe.

Como se não bastasse ser sensível para tratar em "Little" do vício da mãe, que afeta o filho, e da condição social de quem vive o ruim esperando pelo pior, o roteiro vai além: ainda criança o protagonista se questiona e questiona Juan – que, mais uma vez, assume o papel de figura paterna do garoto – sobre o quão ruim é ser chamado de bicha (*faggie*, em inglês) pelos colegas da escola. Para o espectador, o comportamento do menino em "Little" não é denunciador, em momento algum, de uma orientação sexual que não a heterossexual, entretanto, mais adiante, em "Chiron", vemos um adolescente introspectivo e com olhar sempre baixo e perdido, já sofrendo com o furor dos hormônios que o fazem ter a certeza de que ele, mais uma vez, está fora dos padrões.

Ashton Sanders, que dá vida a "Chiron", a fase adolescente do protagonista, dá um show de interpretação, ao denunciar em seu olhar triste e distante a solidão de que vive rodeado de injúrias e medos, principalmente medo de ser quem é. Em momento algum vemos nesse olhar, cheio de denúncia, retaliação contra si mesmo, muito pelo contrário, Chiron apenas se esconde do mundo, mas não de seu próprio eu, o que fica evidente na leveza e na naturalidade da cena da praia, em que o menino aparece ao lado do amigo Kevin, que está com ele desde a infância e por

quem, mesmo tendo comportamentos que vão de encontro aos seus, nutre grande afeição. Naquela cena, o espectador fica ciente de que há mais medos dentro de Chiron do que se esperava - além de tudo que o menino era ou deixava de ser, além de toda a questão do desfavorecimento social, há mais: Chiron se descobre gay.

Com maestria o roteiro se desenvolve para uma segunda fase de Chiron, mais amedrontada, mais calada e segue para um rumo desestabilizador: o mesmo menino que era motivo de chacota, um dia, por apanhar de Kevin, aquele que lhe despertou desejo, a mando de um dos valentões da escola, resolve se vingar e agride o valentão que encomendou os socos que lhe despertaram a fúria. O resultado é mais do que o espectador poderia prever: vemos, como num piscar de olhos, a passagem da fase adolescente para a fase adulta – "Chiron" agora é "Black". Essa mesma passagem pode ser observada em alguns contos de fadas, sob a ótica da psicologia, em que, sob grande pressão de um acontecimento muitas vezes catastrófico, a criança deixa de o ser e se assume adulta. Essa manifestação da fase adulta precocemente é recorrente em crianças em situações iguais ou parecidas às de Chiron, em que a luta pela sobrevivência é constante.

Em "Black", o protagonista já é um homem feito de aproximadamente vinte e cinco anos que, após ser preso por agressão, muda de cidade e torna-se um grande traficante, assim como Juan. Nesse momento há o espelhamento: Juan fora a figura paterna de Chiron a quem este nunca quisera seguir na profissão, entretanto, após tentativas de seguir sua vida e ter um futuro melhor que o presente de sua mãe, o menino desiste, é vencido pelo cansado e cai em remissão, tornando-se um traficante tão grande quanto Juan. O garoto assume-se "Black" (*preto*, em inglês), dando lugar, agora, à sua negritude e pondo de lado seus anseios afetivos de adolescente, afinal, onde haveria espaço para um negro, não mais raquítico, mas musculoso, traficante e que se assumisse gay? Mais uma vez a questão da sexualidade é posta de lado, nos levando à seguinte reflexão: há, no mundo, mais espaço para traficantes e bandidos do que para gays.

Em uma metáfora de "o bom filho à casa torna", Black retorna à sua cidade de origem, não somente para ver a mãe, mas para se reencontrar com seu eu do passado. Convidado para jantar por Kevin, que aparece, num último momento como bissexual – teve um filho com uma antiga colega de escola, mas ainda nutre sentimentos por Black –, o protagonista tem ali, seu golpe de misericórdia: já é reconhecido na comunidade, já tem poder, não teme mais os valentões da escola, sua mãe está se reabilitando do vício, e, agora, ele pode ser ele mesmo. Como fora

dito no início do texto, ao final do longa, um espectador mais sensível percebe que, no fim das contas, o menino Little-Chiron-Black deu certo na vida, pois, apesar de acabar tornando-se um traficante como Juan, encontrou-se consigo mesmo e assumiu ser aquilo que fora uma das primeiras lições que Juan lhe dera na vida:

"Bicha' é uma palavra que as pessoas usam para fazer os gays se sentirem mal. Você pode ser gay, mas não pode deixar ninguém te chamar de bicha".

Rebeca Jordão Mora no Espírito Santo, mas é carioca da gema. Aquariana com ascendente em mudança – muda de casa, cabelo e comida preferida pelo menos uma vez por ano. Inconformada com a brevidade da vida, escreve e canta porque as palavras lhe saltam pelos ouvidos, olhos, boca, mãos e coração. É escritora, professora e mãe – de menina e de gata

NONA ARTE: A CULTURA EM QUADRINHOS

Por Luiz Carlos Loureiro

RESUMO: O presente artigo visa apresentar um texto sobre as histórias em quadrinhos, também conhecida como a nona arte, desde o seu breve histórico até a sua chegada na sala de aula. Apresentando o fato de que além de um simples entretenimento, os quadrinhos tem um grande potencial em influenciar sociedade, ao apresentar suas idéias através de diálogos com representação de uma ilustração.

ABSTRACT: This article aims to present a text about comics, also known as the ninth art, from its brief history until its arrival in the classroom. Featuring the fact that in addition to simple entertainment, comics have great potential in influencing society by presenting their ideas through dialogues depicting an illustration.

PALAVRAS-CHAVES: Quadrinhos; Escolas; Cultura; Pedagogia; Nona Arte.
KEYWORDS: Comics; Schools; Culture; Pedagogy; Ninth Art.

INTRODUÇÃO

Popularmente conhecida como histórias em quadrinhos, a nona arte tem sido um dos maiores veículos de comunicação de massa, desde sua aparição em revistas e jornais até sua entrada no mundo industrial, permitindo a sua expansão na sociedade apresentando uma linguagem diferente em relação ao livro, e sendo representada por inúmeras ilustrações que mostravam o andamento da história.

Através do texto será abordado desde o histórico dos quadrinhos até os dias atuais, na qual foi reconhecido como uma produção cultural e sua adoção nas escolas em busca de auxiliar os alunos na aprendizagem de varias matérias.

UM BREVE HISTÓRICO

Antes de aparecerem em tiras de jornais e revistas, os quadrinhos tiveram suas origens representadas por pinturas nas cavernas da Idade da Pedra e nas pirâmides do Egito, que registravam imagens de batalhas, cerimônias religiosas e a vida dos faraós.

> “As figuras que antecederam a palavra escrita segundo a história, já existiam há 15.000 anos, na era de ouro da pintura em cavernas, nas quais os desenhos enfatizavam a representação pictórica. Assim, as primeiras palavras foram figuras estilizadas”.

(Pacheco, 2008, pág.2)

Outro exemplo pode ser visto nos gregos, que faziam desenhos em alto relevo em formas de histórias em quadrinhos nos vasos e estatuas, o que nos permitiu conhecer as Olimpíadas.

No Brasil, os quadrinhos surgiram em 1867, pelas mãos do italiano radicado Ângelo Agostini (1843-1910) e mais tarde em 1905, nascia à primeira revista brasileira em quadrinhos: o Tico-Tico, que além de quadrinhos publicava contos, fazia concursos e distribuía brinquedos para montar.

A partir dos anos 30, os quadrinhos passaram o sofrer importantes mudanças com o nascimento dos super-heróis, devido ao estilo de desenho apresentado e o conteúdo das histórias que mais tarde influenciariam a música e o cinema. No Brasil, os quadrinhos também tiveram sua importância, principalmente na ditadura militar, cujo papel foi de fazer críticas e denúncias do governo, como no caso do personagem Graúna, criado por Henfil, que denunciava a fome.

OS QUADRINHOS E A SUA IMPORTÂNCIA

Inicialmente tido como um lazer e passatempo, muito comum entre jovens e crianças, os quadrinhos se tornaram um importante veículo de comunicação apresentando uma linguagem própria, tendo seu valor real reconhecido por pensadores contemporâneos como Umberto Eco e Claude Moliterni, provando a sua importância cultural.

Conquistando cada dia mais seu lugar, os quadrinhos influenciaram a música e o cinema, que permitiu a entrada de inúmeras adaptações como exemplo os super-heróis, que tem chamando atenção da mídia.

Outro passo importante dado nos quadrinhos foram suas adaptações relacionadas à mitologia, biografias de personalidades famosas ou importantes eventos históricos, no Brasil, por exemplo, tivemos adaptações biográficas de Santos Dumont e Dom João VI e de eventos históricos como a Revolta da Chibata e o Dia do Fico. Entretanto.

A literatura também tem se rendido a essas adaptações em quadrinhos como: “O Alienista” de Machado de Assis, “O triste fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto, “Frankeinsten” de Mary Shelley e outros grandes clássicos literários, despertando aos poucos o interesse do público.

Apesar da aparente inocência, as histórias em quadrinhos foram, e ainda são, uma “arma” de denúncias política e social ao povo através de jornais e revistas. Cartunistas

brasileiros como Ziraldo e Angeli, durante a ditadura militar do Brasil (1964-1985), produziram diversos quadrinhos criticando o regime ditatorial, e consequentemente tiveram seus trabalhos censurados pelos militares.

PEDAGOGIA E QUADRINHOS: UMA PARCERIA EM SALA DE AULA

> "O direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais, espirituais, o de aprender e progredir". (SANTOS, Artigo, s/d).

Devido a décadas de convívio com crianças e jovens, os quadrinhos provaram aos poucos a sua importância no uso didático, ao ser adotado em sala de aula.

Um acontecimento influenciado por alguns fatores fundamentais, como o fácil aprendizado e o incentivo à leitura nas crianças, inúmeros clássicos literários, sendo eles nacional ou internacional, que vem sofrendo adaptações para os quadrinhos permitindo aos alunos uma melhor compreensão das obras.

Não se limitando somente as adaptações da literatura, os quadrinhos se expandiram a outras disciplinas como história, matemática, ciências e outros. Porém, é importante deixar claro que apesar do uso de uma linguagem mais fácil e a representação através das ilustrações, os quadrinhos não poderão sempre atender todas as expectativas no processo do ensino escolar, cabendo ao professor o modo de como os quadrinhos podem ser trabalhados em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo convivendo com os prós e os contras, as histórias em quadrinhos, também conhecida como a nona arte, provaram seu valor artístico e cultural, mostrando que não é apenas um mero divertimento ou passatempo, mas um material rico com sua linguagem própria, com capacidade de uso didático incentivando os jovens a leitura e melhoria de aprendizado. Outro fator, que não devemos esquecer é sua influência em outros meios artísticos como a música, a literatura, a arte e no cinema, mostrando aos poucos o seu poder na sociedade.

REFERÊNCIAS

COSTA, Patrícia. **A onda das Histórias em Quadrinhos.** 2009. Disponível em: http://opiniaoenoticia.com.br/opiniao/artigos/a-onda-das-historias-em-quadrinhos/ . Acesso em: 05/08/2010

MARCIMEDES. **História em Quadrinhos** – arte e literatura. S/d. disponível em: http://www.avesso.net/cronica8.htm. Acesso em: 15/08/2010

PACHECO, Fulvio. **Quadrinhos como recurso didático.** 2008. Disponível em: http://fulviopacheco.blogspot.com/2008/06/artigo-quadrinhos-como-recurso-didtco_01.html.

Acesso em: 01/08/2010

SANTOS, Walderclaudio Nascimento. **Leitura através da História em Quadrinhos.** S/d. Disponível em:

http://www.artigonal.com/educacao-artigos/leitura-atraves-da-historia-em-quadrinhos-1131521.html. Acesso em: 15/08/2010

Luiz Carlos Loureiro de Lima Junior, Nasceu na cidade de São Paulo - SP em 1981 e se graduou em Letras pela Uniban em 2009; Pós-Graduado em Estudos Literários pelo Anhanguera Educacional em 2011 e atualmente é mestrando em Letras na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo desde 2015 e é bolsista CAPES.

O Caso do Buraco

Por Celso Ricardo

Era a primeira vez que visitava a cidade mineira de Fervedouro, e caminhava tranquilamente por uma estreita rua calçada por irregulares e redondos blocos de cimento, quando de repente uma criança me parou e olhando em meus olhos disse:

- Moço, ali em baixo tem um buraco, e o senhor não põe o pé lá não, tá!

Sem entender direito o que significava aquilo que a criança havia me falado, respondi que sim, e, querendo fazer um agrado a ela, enviei a mão no bolso da calça e tirei algumas balas que lá estavam, e entreguei para criança, que pegando as balas de minha mão foi embora, sem mais nada dizer.

Permaneci parado alguns instantes esperando ouvir qualquer agradecimento da criança, mas, como ela cada vez se distanciava mais e não demonstrava que iria parar de andar para me dedicar qualquer gesto de gratidão, resolvi prosseguir o meu caminho. Depois de alguns passos ouvi a voz da criança, que certamente gritava.

- O moço! O moço!

Voltei bruscamente para trás e vi um pequeno ponto distante, que imaginei ser a criança agitando as mãos enquanto dizia:

- Obrigadoooooo! E lembre–se, toma cuidado com o buracooooo...!

E ao dizer isso saiu correndo imediatamente. Novamente fiquei parado, até que a criança sumiu de minha visão.

Sem dar muita atenção ao aviso, pois não havia entendido o que ele significava, voltei a fazer o meu trajeto.

Estava indo para a casa de uma tia que há muito tempo não via e desejando causar uma boa aparência, trajava-me elegantemente e seguia claramente contente, pois, as poucas horas em que estava na cidade, já havia experimentado a tão falada hospitalidade mineira, já tendo provado, por muita insistência de meus anfitriões, algumas doses da famosa “cachaça mineira”, que havia me deixado um pouco embriagado, mas ainda mantinha o domínio sobre meus atos.

Continuava a descer a rua distraído em apreciar a bela paisagem mineira, onde volta e meia me deparava com algumas galinhas e pintinhos a ciscarem o chão, vendo isto, não pude deixar de pensar em Barra Mansa, de onde vinha, pois se por acaso deixassem estes animais a solto por lá, estes já teriam virado o jantar de alguém. Refletindo sobre isso dei uma gostosa e sonora gargalhada e continuei o meu percurso quando a alguns metros à minha frente avistei um buraco.

Imaginei ser este o buraco que a criança a pouco havia me dito e tomado por uma imensa curiosidade, me aproximei do mesmo e fui analisá-lo.

- O que será que é isto? – Pensava. – Deve ser um tanto interessante, caso contrário, a criança não haveria de ter me alertado.

Abaixei e tentei olhar em seu interior, mas como já estava anoitecendo não consegui ver nada. Sendo assim, me levantei e olhei ao redor, na expectativa de avistar uma vara ou qualquer outro pedaço de pau para colocar dentro do buraco, mas, não conseguia ver nada, apenas uma velha árvore que parecia persistir a morte, haja vista que a mesma estava completamente seca e sem folhas.

Indo até a árvore, segurei um de seus galhos e forcei para quebrá-lo, mas tive que fazer bem mais força do que imaginara, pois apesar de estar seca, sem folhas e os galhos aparentando estar podre, a árvore permanecia bem forte, exigindo de mim uma força nunca antes empregada, mas aos poucos, o galho foi cedendo e rompeu num estalo rachando para depois quebrar. Mais aliviado, pois houve

momentos em que pensei não conseguir quebra–lo, peguei o mesmo e me encaminhei para o buraco, quando avistei um homem que parado ao lado do buraco observava–me.

Envergonhado por haver arrebentado a árvore, procurei dizer alguma coisa na intenção de quebrar o gelo.

- Tarde! – Disse amigavelmente.

- Boa tarde. – Respondeu o homem sarcasticamente.

- O buraco pode ser perigoso e alguém pode cair ou agarrar o pé nele, vou colocar este calho lá para sinalizar. – Justifiquei-me.

Mas o homem não disse nada, tão pouco demonstrou interesse no assunto, e sem se despedir voltou a caminhar.

Aguardei algum tempo esperando o homem se afastar por completo, e me encaminhei novamente ao buraco, onde coloquei o galho que estava em minhas mãos, o mesmo, entrou apenas alguns centímetros e depois parou no chão firme.

Diante disso, a minha curiosidade aumentou ainda mais, pois, pelo tamanho do buraco ele não ofereceria perigo algum. E então, por que a criança havia me alertado do seu perigo?

Abaixei novamente e observei o objeto de minha curiosidade. – O que deveria haver neste buraco? – Pensei.

Quis enfiar a mão, mas me contive, deduzindo que era possível haver um bicho para me ferir.

No entanto, a curiosidade era muita, e de qualquer modo se houvesse algo de perigoso no buraco era melhor que eu verificasse, antes que uma criança pudesse se machucar.

O jeito foi eu mesmo fazer o teste, iria me sacrificar em benefício da cidade que tão bem me acolhia.

Por alguns minutos refleti qual seria a melhor forma de averiguar o buraco. Se enfiasse as mãos, poderia haver um bicho, como já havia pensado, e ele ferir elas; mas se colocasse o pé nada iria acontecer, pois o mesmo estaria protegido pelo sapato, que, diga-se de passagem, são de couro legitimo.

Decidido e não mais me aguentando de curiosidade, tirei o galho que ainda estava no buraco, me ajeitei, e quando ia colocar o pé, excitei por um momento, pois tive a ligeira imprensão de ouvir uma voz.

Olhei ao redor, e como não vi ninguém, ou ao menos voltei a ouvir qualquer outro barulho, levantei a barra da minha calça e coloquei lentamente o meu pé no buraco.

Meu pé coube perfeitamente, parecia ter sido feito de acordo com o meu número. Ao contrário do que pensei, no buraco não havia nenhum bicho, aliás, não senti nada, absolutamente nada, o buraco estava vazio.

Desapontado, pois havia perdido o meu precioso tempo, mas ao mesmo tempo aliviado por não ter um bicho ali, me preparei para retirar o pé quando vi duas crianças saírem de um beco escuro à minha frente. Reconheci uma das crianças, era a mesma que me alertara a respeito do buraco, mas a outra, não me lembrava de ter visto.

A criança que havia reconhecido olhou para mim, depois para seu amigo e gargalhando disse–me.

- O moço! Eu não falei para você ter cuidado com o buraco!

Após falar isto, as duas crianças sentaram no chão dando sonoras gargalhadas.

Não compreendendo o que estava acontecendo, retirei imediatamente o pé do buraco e vi o meu sapato coberto por uma substância escura que de início pensei ser lama, mas, ao tirá-lo e levá-lo perto do nariz, percebi que não era lama, mas sim cocô que as crianças haviam jogado ou feito dentro do buraco.

De repente, a minha vista escureceu, e fui tomado por uma raiva jamais sentida, e sem controle sobre meus atos, sai correndo, igual a um desesperado, atrás das crianças, que percebendo o meu estado, saíram correndo e gritando por seus pais.

Por algum tempo corri, sob os olhares horrorizados da vizinhança, atrás das duas crianças. Mas exausto, e sem ter conseguido ao menos chegar perto delas, desisti de persegui–las e voltei para casa onde estava hospedado, me esquecendo inclusive de pegar o meu sapato, que ficou jogado, perto do buraco.

Celso Ricardo de Almeida é formado em Administração de Empresas. Escritor, Pesquisador e Poeta, possui 7 livros publicados sendo membro de várias academias literárias.

O Doido

Por Marlene da Silva Leal

A molecada não perdoava. Toda vez que Leleco subia a rua ouvia as rizadas e provocações dos meninos, que soltavam pipa e paravam para mexer com ele.

Leleco era mesmo uma figura bem estranha. Amarrava a calça com barbante bem acima da cintura e quase sempre usava uma camisa surrada e colorida. Mais parecia um palhaço. Não que tivesse só aquela muda de roupas. Eram todas do mesmo estilo. Era seu jeito Leleco de ser.

Respondia às provocações com palavras de baixo calão e não raro com pedradas. Isso deixava a meninada mais agitada, pois desviar das pedras e esconder-se atrás dos postes era até diversão.

O coitado não tinha sossego de ir e vir, mas no dia do pagamento de sua parca pensão era diferente. Subia a rua de cabelo raspado distribuindo balas, doces e até cigarro a quem pedisse. Sim, era um fumante inveterado. As mãos estavam sempre na posição de quem segura um cigarro, mesmo que não tivesse um entre os dedos. Gastava tudo com supérfluos. Rua de subúrbio é como cidade pequena. Todos se conhecem e sabem muito uns dos outros.

Leleco tinha seus momentos de paz, o que era raro. Nessas ocasiões falava sozinho e repetia histórias do seu passado. Estava agora chegando aos cinquenta e fora apaixonado por uma jovem, que não lhe correspondeu no amor e casou-se com outro. Alguns atribuíam sua loucura a esse amor frustrado.

Quando estava muito agitado e com algum efeito de bebida, Leleco chegava à varanda da casa onde morava com a irmã, uma professora aposentada. Dali começava a gritar aos quatro ventos impropérios contra a moça, que fora sua amada e que o desprezara. Difamava-a de todo jeito. Criava histórias escabrosas a respeito dizendo que ela não prestava, que vivia se agarrando com outros homens no beco, que era uma perdida etc.

Pra piorar a situação a referida morava quase em frente à casa de Leleco e ouvia as ofensas. A princípio era uma confusão. O marido queria tirar satisfação e até polícia era chamada. Mas com o passar do tempo, concluiu-se que não valia a pena, mesmo porque após os xingamentos, entrava e dormia. Ninguém dava mais importância aos gritos e ofensas de Leleco.

Passaram-se os anos. Leleco continuava seus hábitos. De manhã tomava seu café na padaria do seu Joaquim, onde todos os dias comia uma cavaca. Leleco adorava comer cavaca.

Um dia foi internado em hospital por conta de uma complicação pulmonar. A irmã se encarregava de levar-lhe uma cavaca diariamente. Um dia levou junto uma notícia. A moça que fora objeto do seu amor enviuvara.

Leleco ficou tão ansioso e eufórico para saber mais detalhes, que enfiou a cavaca inteirinha de uma vez na boca. Engasgou. E engasgou tanto que morreu.

Ele ainda hoje é lembrado pelos mais antigos, quando alguém veste a calça com a cintura muito alta à moda Leleco.

O voto

Por Sonia Rodrigues

O doutor Rodrigo estava fascinado pelo brinde que ganhara de um laboratório que fabricava vitaminas para crianças.

Tratava-se de um pôster enorme, que ocupava quase toda a parede livre do consultório. Posavam para uma foto, em plena floresta, uma dezena de bichos lindamente desenhados.

Desde o primeiro dia em que colocou a bicharada na parede, as criancinhas ficavam olhando encantadas, rindo e fazendo os comentários mais interessantes.

E Rodrigo começou a fazer uma enquete entre os seus pequenos pacientes:

— Diga lá, de que bicho você gosta mais?

A coisa virou mania, tanto que o doutor tinha em sua gaveta uma planilha onde anotava a preferência da garotada. Observou que os menorzinhos e tímidos escolhiam o coelho e a coruja; os falantes e estabanados escolhiam a arara ou o macaco. Os que escolhiam o canguru ou a girafa pareciam ser os mais criativos. Já o tigre e o leão deixavam o doutor confuso: ele não decidira ainda se as crianças que escolhiam as feras eram líderes natos, ou crianças que queriam o poder para livrar-se de perseguições ou se eram agressivas, manifesta ou veladamente. O fato curioso é que ninguém, nem uma só criança votara no hipopótamo.

Quando Rodrigo era menino, em sua cidade havia uma fábrica de biscoitos que adotara o hipopótamo como seu símbolo e distribuía para a molecada bonequinhos, figurinhas e outros brindes com a aparência de um hipopótamo rosado e risonho, uma verdadeira gracinha. As crianças da cidade grande, porém, não sentiam nenhuma simpatia pela bocarra escancarada com imensos dentes.

Certa tarde, entrou no consultório pela primeira vez um garotinho aí de uns quatro anos, e Rodrigo, como de costume, sugeriu:

— Vota aí, escolhe um bicho.

O menino, contudo, cruzou os braços e ficou muito quieto, com uma carinha zangada.

— Vota, filho, o doutor tá mandando – insistiu a mãe.

Mandando? O doutor sentiu-se desconfortável com o verbo:

— Não, não, não estou mandando nada. É uma brincadeira. Eu vou juntando os votos da criançada para saber qual é o bicho preferido. Então, que bicho você escolhe?

E o menino, decidido:

— Nenhum.

A mãe estava chateada:

— Escolhe um, filho. O doutor quer saber.

— Pois então ele já sabe. Eu não escolho nenhum e pronto.

O doutor achou engraçada a preocupação da mãe em agradar o médico e a determinação do menino de não arredar pé de sua opinião. Quis chegar ao fundo do mistério:

— Certo, você não escolhe nenhum. Posso saber por quê?

— É porque o meu bicho preferido é a tartaruga e aí não tem tartaruga.

Ali estava um garoto que sabia o que queria, que, na sua inocência, não se deixava influenciar pela opinião alheia, e que, sem dúvida, iria se tornar um adulto que não abriria mão de seus princípios.

Qualquer que fosse o fascínio especial da tartaruga, que qualidades esse bichinho cascudo e vagaroso possuía para encantar o menininho, o fato é que o doutor ficou a pensar que ali estava uma das maiores lições de civismo que recebera em sua vida. E falou em voz alta:

— Menino, você tem razão. Nas próximas eleições, também vou votar na tartaruga.

Sonia Regina Rocha Rodrigues é escritora e médica, idealizou o jornal "Um Dedo de Prosa" e foi co-editora da revista literária "Chapéu-de-Sol", que circulou em Santos/SP de 1996 a 2001. É autora dos livros de contos "Dias de Verão", É suave a noite, Coisas de médicos, poetas, doidos e afins.

Origamis

Por Elicio Santos

Reza a lenda oriental que, numa região montanhosa, havia muitas árvores. Grandes. Corpulentas. Esguias. Entre elas, uma árvore torta mal se percebia. Tanto que os lenhadores, em poucos anos, conseguiram derrubar todos os exemplares da área a fim de produzir tábuas em escala industrial. Mas a árvore torta, pela razão de ser imprópria ao objetivo, sobreviveu.

Depois vieram os caçadores de essências. Buscaram extrair algum perfume da árvore remanescente, mas descobriram que ela não tem cheiro. Razão pela qual a desprezaram.

Segundo a jura dos contadores, a árvore da lenda ainda vive. Os viajantes a utilizam como ponto de descanso. Absorvem, da verdejante sombra que ela fornece, uma silenciosa e fiel experiência. No vácuo árido, gerado pela ausência das árvores ideais, a espécie inferior providencia e ensina: a verdadeira companhia não tem de ser impecável, basta significar.

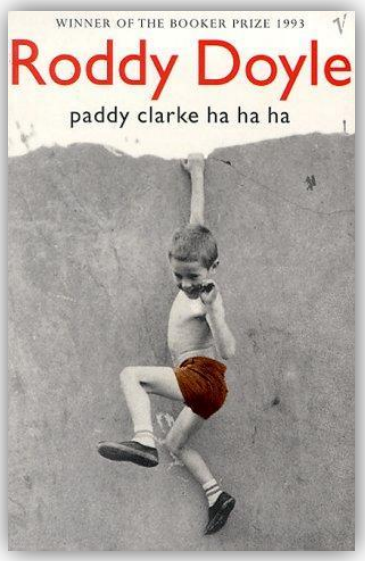
Apaixonado pelo poder das letras, Elicio Santos começou a escrever na adolescência e tem três livros publicados.

Conheça seu trabalho:

http://www.chavalzada.com/

Resenha: Paddy Clarke Ha ha há

Por Lindaiá Campos



TÍTULO ORIGINAL: Paddy Clarke Ha Ha Ha
AUTOR: Roddy Doyle
GÊNERO: Romance irlandês
EDITORA: Estação Liberdade
ANO: 1995

No meu tempo, a maior dose de adrenalina era tocar a campainha e sair correndo antes que alguém me visse. Olha só uma das inúmeras doses de Patrick e seus amigos:

"— Largaram! Esse foi o último comentário de Aidan.
O primeiro obstáculo era fácil. O muro entre o jardim de McEvoy e da Sra. Byrne. Não havia cerca-viva por cima do muro. Você precisa se concentrar para ter certeza de que havia espaço suficiente para movimentar as pernas no pulo. Alguns de nós conseguiam pular sem tocar o muro de jeito nenhum — eu podia —, mas era preciso um montão de espaço para isso. Atravessamos o jardim da Sra. Byrne, aos berros. Era parte do jogo: tentar ferrar os retardatários, chamando a atenção do dono da casa. Sair da grama, pular o canteiro através do passeio, pular o muro — a cerca-viva. Subir no muro, se equilibrar na cerca-viva, pular no chão do outro lado. Perigo, perigo. O jardim de Murphy, uma porção de flores. Chutar algumas. Rodear o carro. Cerca-vivas antes do muro. O pé no para-choque, pular. Aterrissar na cerca, rolar para o outro lado. Nossa casa, a próxima. Rodear o carro, sem cerca-viva, só o muro pular. Sem gritos, sem folego para gritar. O pescoço cocando por causa das folhas e

espinhos na cerca-viva. Mas duas cercas enormes e pronto. Uma vez, o Sr. McLoughlin estava cortando a grama quando pulamos todos no jardim dele. Ele quase teve um ataque do coração.
Subimos o último muro, do Sr. Hanley. Pernas retas. Era muito mais difícil agora. Mortos de cansaço. Pular a cerca, rolar na grama, correr para o portão.
O vencedor!"

Uffa! Acho que já deu para sentir o tanto de adrenalina e energia que esse garoto tem. Patrick e um menino bastante criativo, com uma imaginação, curiosidade e sede de conhecimentos incríveis!
Muitas de suas brincadeiras são tiradas dos livros, assim como Da telinhas, o nosso protagonista parece se amarrar em um perigo.

Patrick tinha muitas aventuras, uma dela era bem parecida com uma das minhas travessuras: até os sete anos, eu tomava Mucilon na mamadeira, (não riam, afinal quem nunca teve algo no qual custara a largar na infância?)
Eu costumava pegar todas as minhas mamadeiras e depois de caçar tanajuras, as colocavas lá dentro, fazendo assim uma fazendinha. O mesmo eu fazia, construindo casa de lego para um bichinho conhecido aqui, como viuvinha.

Vamos para Patrick:

"abelhas, se pudéssemos pegá-las. Chacoalhávamos o vidro para ter certeza de que a abelha estava zonza, quase morta, ai virávamos o pote de cabeça para baixo antes que ela pudesse acordar. A gente ajustava a abertura do pote para que a abelha caísse bem no meio do buraco feito no piche. Depois a gente empurrava com o palito. A abelha grudava no piche. Ficávamos de olhando. Era difícil de saber se ela sofria. Ela não fazia barulho, nem zunia, nem nada. Partíamos a abelha no meio e a enterrávamos no piche. Eu sempre deixava um pedacinho da abelha para fora para servir de exemplo para as outras. As vezes a abelha se safava. Não estava zonza demais quando a gente virava a jarra. Voava antes de cair no chão. Voava antes de cair no chão. Não tinha importância. Não tentávamos pegá-la. Abelhas podiam matar a gente; não de propósito, só se não tivessem escolha. Vespas eram diferentes. Elas te picavam com vontade. Um cara em Raheny engoliu uma abelha por acidente, ela o picou na garganta e ele morreu sufocado. Estava correndo com a boca aberta e a abelha voou direto para sua boca. Quando ele estava morrendo, abriu a boca para dizer as últimas palavras e a abelha saiu voando. Por isso e que eles descobriram o que tinha sido. A gente punha flores e folhas da jarra para que as abelhas se sentissem em casa. Não tínhamos nada contra ela. Elas faziam mel.

Qual a sua maior mentira contada só para não ter que comer sua salada quando criança? Rsrsrsrs

"— Um cara foi de férias para África.
— Ninguém vai para África de férias.
— Cala boca.
Quando ele estava lá, comeu salada e, quando voltou para casa, começou a sentir dores no estômago e foi levado para o hospital da rua Jervis porquê gritava de dor — puseram-no num Táxi. O médico não sabia o que ele tinha e o menino não conseguia dizer porquê não parava de gritar por causa da dor; então eles tiveram que operá-lo e, quando abriram sua barriga, acharam um monte de lagartos dentro dele, na barriga, vinte ao todo; tinham feito um ninho. Os lagartos estavam lhe devorando o estômago. — Você vai comer a salada mesmo assim — disse mamãe.
— Ele morreu — eu disse. — O menino morreu.
— Coma tudo, vamos. A salada foi lavada.
— Mas o negócio que ele comeu também estava.
— Isso e besteira que alguém andou lhe contando — disse ela. — Não devia dar ouvidos a isso.
Quis morrer. Mas queria ficar vivo até papai chegar em casa, ai lhe contaria o que tinha acontecido e depois morreria.
Os lagartos foram postos numa jarra no hospital, na geladeira, para que todo mundo que estivesse treinando para ser médico pudesse vê-los. Todos eles numa mesma jarra. Boiando num líquido que os mantinha frescos."

Sim... Foram muitas aventuras, as de Patrick, seu irmão Simbad e seus amigos, acredito que todos principalmente os garotos, se identificaram confesso ter me identificado com algumas delas...mais quando saber o momento de parar e crescer? Curioso? Então embarque na história de Paddy Clarke Ha ha ha.

Considerações Finais:

Roddy Doyle ousou recriar a infância de uma maneira soberba e não bastando, o narrador e Patrick que com apenas 10 anos, e quem nos prestigia contando a sua história, mas não uma história qualquer e sim a sua visão dela. Inspirado em O Senhor das Moscas, livro preferido do escritor e que ele teve oportunidade inclusive de ensiná-lo para seus alunos, faz com que acabe nos presenteando com a mente de

um garoto irlandês do final dos anos de 1960. O Senhor das Moscas segundo o escritor, se tornou o enredo da sua vida e uma fonte de inspiração ousada: em O Senhor das Moscas e a ausência de adultos; em Paddy Clarke Ha ha ha e a presença deles.

Vocês devem estar se perguntando por que a minha resenha está tão fora do meu típico padrão atual, intenso, desordenado. Assim como a mente de Patrick.

Os distúrbios causados entre uma criança que convive com a violência, o desejo de proteger, em vão.
Se você acha que irá encontrar neste livro uma narração, estruturação comum, prepare-se, pois está obra, vencedora do prestigioso Man Booker Prize de 1993, nos traz muito mais do que aventuras de crianças, muito mais do que nos transportar para lá ou para nossa própria infância, Paddy nos faz refletir o que uma família desestruturada pode fazer com a cabeça de uma criança.

Lindaiá Campos mora em Salvador, é mãe de uma menina chamada Júlia e de uma gata também, mas ama mesmo os cachorros. Possui um blog voltado para literatura e administra um projeto de incentivo à leitura: Você Não Pode Deixar de Ler

Siga o blog:

https://vocenaopodedeixardeler.blogspot.com.

Presente de Casamento

Por Ricardo Moncorvo

Algumas coisas parecem só acontecer comigo!

Aproveitei o intervalo do almoço, comi apenas um salgado e um refrigerante na padaria, e fui comprar o presente de casamento de um amigo.

Já estava atrasada! A festa já era daqui a doze dias!

Rodei o centro de Amparo, em busca de algo que pudesse agradar os "pombinhos" e que, principalmente, não comprometesse meu orçamento.

Não era madrinha, mas também não queria presentear com qualquer coisa!

Comprei um belo jogo de panelas! Cinco peças: uma panela de pressão, uma frigideira, uma chaleira e duas outras, digamos, normais.

Se fosse meu casamento, nem sei se iria gostar tanto de um jogo de panelas, até porque não gosto de cozinhar, mas a caixa é enorme e, assim, o mimo faz presença e, ainda a loja fez um bom desconto e permitiu parcelar em três vezes, no carnê!

Num belo embrulho e numa sacola enorme, volto ao trabalho. Decidida a levar o presente naquele dia mesmo, evitando ficar carregando o mesmo para cima e para baixo.

Fiz um belo cartão e saindo do trabalho fui levar o presente!

Por coincidência, a noiva estava na casa do meu amigo e, acabamos conversando bastante, entre um copo de vinho e alguns petiscos.

A festa foi linda! Tudo maravilhoso! Os dois, sem dúvida, foram feitos um para o outro.

Mas, chega o momento de pagar! E cadê o carnê! Procuro nas bolsas, nas gavetas de casa, nos armários do trabalho e nada!

Perdi! Volto para a loja e explico a situação e a moça do caixa explica!

- Ontem, na data do vencimento, veio um moço aqui e pagou a primeira parcela!

- Mas, como? Pergunto indignada! Quem era esse rapaz?

- Era um moreno alto, com um brinco na orelha direita, olhos castanhos e uma barba, tipo cavanhaque, inconfundível.

Mas como isso? Era a descrição exata do meu amigo recém casado!

Só pode ser isso, tinha colocado o carnê do presente na sacola, e quando fui levá-lo acabei esquecendo e entregando tudo para os noivos.

Que fiasco! Acho que essa foi a primeira vez na vida, no mundo, no universo que alguém dá um presente e manda a conta junto!

Lá fui eu novamente a casa dos agora casados! Quase morri de vergonha enquanto me desculpava e eles se esborrachando de rir!

No fim, tudo resolvido. Dei o dinheiro da primeira parcela e resgatei o carnê!

E fui embora, certa de que jamais cometeria tamanho mico! Será?

Ricardo Moncorvo Tonet, engenheiro agrônomo, com diversas publicações na área técnica e com um livro de poesias publicado – Palavras Vivas e algumas premiações em concursos literários em poesia e trovas e responsável pelo blog ENTRELINHAS.

Siga o blog:

ricardomoncorvotonet.blogspot.com

Propaganda

Por Mickael Alves da Silva

Tentei olhar com clareza para o mundo
Ganhei no fim uma vista cansada
Cansada das falocentricas propagandas de cervejas
Que instigava minha alma à ser canalha
...

Andei demais, pelo mundo
Só para saber que todos
Usavam, com seus sapatos,
Meias-verdades
Eram seres pedantes
No fetiche da ética

Centelhas de coragem emergiram
Em minha carne
Grito pelo crime
Do mal do século
Desse mar de tolas almas
A desgraça contente de nossos umbrais

Está ativo em João, Ana,...
Claudicante sina mortal
O olhar de todos estão equivocados
Suas marcas estão em placas
Amargas pragas
Estão, enquanto o nobre
Convalece em pleno jornal

Nascido no Ceará dos anos noventa, Mickael Alves leva sua construção poética ao desbrave do desconhecido. Mostra novas formas do pensamento ou como, de um modo novo, interpretar o antigo. Poeta para as luzes e as noites. Uma tentativa de descrever o mundo como percebe.

Recomeçar

Por Giovanna Silva Cruz

Hoje eu acordei,
Levantei e me olhei no espelho.
Lá estava a imagem
De quem eu era, de quem eu sou.
Me assustei,
Quando nos detalhes reparei.
Aquele fio branco no meu cabelo
Dizia muito...
A vida estava, a vida está passando,
E eu ainda me questionando?
Por um instante
Pensei o quanto sou errante,
Até me lembrar da humanidade
Em que habito, da vida que sigo,
Da luta em que insisto travar...
Do alto dos meus vinte,
Parafraseando o poeta,
Eu tinha muito para dizer,
Só não sabia como começar...
Deixei o fio branco de lado,
Já estava atrasada.

Permita-me a outro dia recomeçar.

Giovanna Ap. S Cruz, mora em Marília – São Paulo, a famosa terra da bolacha. Respira música e poesia. Cursa Direito, ama Astronomia, gosta do simples e luta a favor das minorias.

Siga o blog:

http://giovannaasc.blogspot.com.br/

Sentimento Virtual

Por Karen Beatriz

Tudo passava por despercebido, eram momentâneos.
Tantas pessoas passavam rapidamente e para onde foram? Onde estão? Apenas sei que estou aqui com e sem você.

Meus pensamentos aliviavam a sua ausência e eu poderia imaginar tudo o que quisesse. Suas mãos nas minhas, seus abraços, seus beijos, seus toques, apesar de nunca os ter sentido. Por um tempo pude acreditar em tudo.
Ríamos sem ter motivos, e estávamos juntos em todas as tardes, não pude compreender a minha vontade de querer te conhecer, de saber seus sonhos, medos e segredos.

Era estranho como tudo acontecia, como se não conseguíssemos encontrar uma razão e assim foi acontecendo; o tempo passando e tudo mudando, e continuava sem saber a razão sem saber o que era aquilo.
Então eu finalmente entendi que você está aí e que tem um coração igual ao meu, batendo por uma única razão. Pensei que nada poderia acabar com isso, apesar de saber que havia barreiras, mas nada me deixava mal, porque sabia que poderia contar com você.

Mas então era como se não existisse mais ninguém... você partiu!
Então eu decidi sair desse “mundo”...

E a minha vida? Eu passei a vivê-la e então eu conheci alguém. Quando você sem razão alguma desaparecera eu precisava encontrar alguém e meu coração vulnerável sentia ainda, amor.

Aquilo que eu sentia por você, por alguém que eu nem se quer conhecia exatamente, passou a pertencer a outro alguém. Por que só sentir saudade, porque só imaginar você, não era o suficiente.

Conheci alguém e quando conversava com ela eu imaginava você ali, a mesma doçura, o mesmo senso de humor a beleza dela fazia com que o meu inconsciente pensasse que fosse você.

Porque eu pensava isso? Porque eu não sabia quem era você. A imagem dela era o que faltava para completar o quebra cabeça. Mas para aonde você tinha ido? Ficava-me atordoado sem saber, e quando estava com ela isso desaparecia e a cada dia estava me apaixonando, era inevitável.

Eu tremia toda vez que ela chegava perto, quando falava comigo e quando eu segurava suas mãos, meu corpo se arrepiava, o seu cheiro havia ficado preso em

cada espaço que eu ia, eu não me cansava de viver isso. O amor que você despertou em mim ainda estava vivo e o que faltava eu descobri com ela.

Quando eu estava só eu procurava você, aquela pessoa que me fazia rir que havia se tornado meu vício, desaparecerá. E eu não estava pronto.

Decidi te esquecer de vez, pensei em ser forte o suficiente para tirar você de dentro do meu coração e da minha memória. Afinal eu era um tolo, o que eu precisava estava ali próximo. E você? Longe demais para descrever!

Eu não poderia estar com ela, porque ela não era você!

Eu nãos quis me importar com o tempo, porque eu sei que o amor não é feito de palavrinhas idiotas, é feito de algo que vai além de palavras para descrever, e o que eu sentia era exatamente isso.

Então eu te reencontrei, e você mais do antes era a minha canção favorita, o meu livro favorito. Você era a minha incógnita, e como você costumava dizer, eu era a sua resposta. Era como uma estrela que causa efeitos inexplicáveis quando estamos a admirando.

O pior é que não passávamos de caixas, gritando por meio de máquinas, te ver sem te tocar, cartas a esperar. Mas apesar de alguns desencontros, nada ao seu lado me dava medo. A não ser o medo de você encontrar alguém.

Mas a verdade é que você merecia encontrar alguém melhor que eu.

Enquanto você não tinha ninguém eu me sentia no direito de estar ao seu lado, mesmo estando longe.

Sem saber por que algo entre nós mudou, eu sentia a gente mais distante do que nunca, e eu tinha a minha parcela de culpa. Embora queríamos que nenhum de nós partisse, deixamos de compartilhar algumas coisas...

E quando soube que estava com alguém que realmente pudesse te ter nos braços, meu coração chorou, pude perceber que eu não posso te fazer feliz, que tem alguém que com apenas um abraço vai ser melhor que eu. Que apenas com um olhar vai fazer você sentir o que nunca sentiu comigo.

Vai te mostrar que todas as minhas palavras talvez não tenham passado apenas de meras palavras, vai te mostrar que um sorriso vale mais que um te amo escrito por alguém que você chegou um dia sonhar. Passei noites e dias acreditando que esse alguém fosse realmente eu.

Consigo controlar o que penso mesmo que os pensamentos sejam profundos, mas o que realmente não consigo controlar são meus sentimentos, ele é sincero. Chega a ser tão verdadeiro que agora dói. Tevês medo de me perder, de dizer o que estava sentindo, pedi a lua para que não fosse embora porque eu simplesmente não queria acordar desse sonho.

Agora peço para as lágrimas que não se vão, pois são as únicas que agora aquecem meu coração.

E agora eu já nem sei mais o que acontece com você, se você também chorou, se você ainda está no coração dele, mas sei que aquele lugar era nosso e que isso jamais será esquecido.

Karen Beatriz, 23 anos, romancista, colunista no site Categóricos com a seção Desventuras de Katriz, também é colunista do blog degradê invisível, escritora dos livros No meu paladar tudo é poesia, Nunca nos pertencemos e O que há em nós?

Conheça seu trabalho: http://www.categoricos.com/p/infantojuvenil.html

Tempos Modernos

Por Anizeuton Leite

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades." Essa frase atribuída ao poeta português Luis de Camões, traduz bem o tempo tecnológico e globalizado em que vivemos. Tempo de mudanças rápidas e vontades também. O que hoje é sucesso, amanhã já se esqueceu. O telefone, as roupas, os móveis, as músicas, que antes atravessavam gerações, hoje são feitos para durarem um verão ou um inverno.

Tempo de correria que não permite a conversa olho no olho e a família reunida em torno da mesa. Os abraços estão cada vez mais raros e as amizades mais virtuais do que reais. O mundo caminha para a robotização do homem. Quem não se insere nesse mundo tecnológico acaba sempre excluído dos grupos sociais.

O ser humano vive interligado com o mundo, mas, ao mesmo tempo, vive solitário em seu mundo. Pode-se ver claramente em nosso meio a existência de dois mundos paralelos: o real e o virtual. E nessa disputa o mundo virtual tem ganhado com larga vantagem.

O homem moderno aparenta ser forte. Ele distribui sorrisos, posta fotos se divertindo, exalta uma careira de sucesso e uma vida feliz, no entanto, na grande maioria dos casos esse homem apenas aparenta ser feliz. Longe das redes sociais e das pessoas que o conhecem superficialmente, ele chora, tem medo, vive ansioso e deseja ardentemente um abraço e alguém para conversar ou simplismente lhe ouvir. Não é a toa que a doença da atualidade seja a depressão. É na solidão do seu quatro e longe dos amigos virtuais que o ser humano se mostra fraco e cheio de limitações.

Mas nem tudo é só tristeza. A era digital tem promovido verdadeiros milagres. A informação chega as nossas casas quase em tempo real, por mais longinquo que se esteja do fato gerador da informação; a medicina deu passos gigantes na última década e as comunicações via skype, seminários por teleconferências e cursos on-line estão cada vez mais comuns. Novas profissões surgiram. Blogueiros, youtubers, analista de mídias sociais são profissões que tem feito um enorme sucesso na atualiadade.

A informação está literalmente em nossas mãos, no entanto, não significa dizer que o conhecimento também esteja. Às vezes o comodismo, outras vezes a preguiça, tem impedido muitos de transformar a informação em conhecimento. Esssa é a era em que tudo se copia e quase nada se cria. A facilidade com que a internet oferece entretenimento e os mais variados assuntos tem podado aos poucos a criatividade e diminuido a dialogicidade. A capacidade onírica de novas crianças também tem mingado.

O filósofo Immanuel Kant dizia que a preguiça e a covardia são as causas pelas quais grande parte dos homens não tenha a autonomia de seu próprio entendimento e vivam presos a tutela de um outro. A liberdade de pensar, refletir, criticar e fazer escolhas precisa ser posta em prática com frequência para se chegar ao esclarecimento e não apenas ser esclarecido.

Educação e tecnologia têm sido a locomotiva que conduz hoje o homem nesse planeta. O ser humano precisa fazer bom uso desses mecanismos sem, no entanto, cesssar a sua capacidade de ser humano. Capacidade de refletir, criticar, idealizar coisas novas e se espantar com o belo, como faziam os antigos filósofos. O bom senso e a racionalidade, por sua vez, evitam o uso da tecnologia como ferramenta maquiavélica e destruidora.

O homem precisa ter consciência de que ele é muito mais que uma máquina, ele é um ser de possiblidades, de liberdade e de escolhas. Precisa compreender que

a dúvida e a persistência são as ferramentas dos sábios e que não saber não é o fim, mas sim, o início de uma jornada rumo a novas descobertas.

Nascido em 14 de maio de 1981, em Jucás – Ceará, Anizeuton Leite é poeta, palestrante e professor da rede Estadual de Ensino. Anizeuton Leite, tem verdadeira paixão pelo ato de ler e escrever.

Terapia de Mãe

Por Patricia Lopes

Sabe, doutor, eu acho que todas as mães do planeta se cobram, se culpam, se parabenizam e se questionam. Tem dias que nossos pensamentos tomam rumos perturbadores e outros dias, se pudéssemos, daríamos um abraço em nós mesmos pela paciência de ter concluído o almoço do filho. Parece que vivemos em um jogo de pontos: Se o filho obedeceu, ganha cinco pontos, se não quer tomar suco, perde dois pontos. E, no final do dia nos sentimos no vigilante do peso implorando por uma barrinha de cereal. Como calculamos esses pontos? Existe uma tabela padrão? Os outros veem nossas pontuações? Eu passo de ano quando atingir qual média? Não, porque se é para jogar precisamos de regras, certo? Errado! Eu sei! Maternidade não é um jogo de perdas e ganhos, maternidade é um tabuleiro sem peças, cartas, pinos e fim! Maternidade tem apenas uma casa chamada: "Inicio". E, aqui estou eu, tentando entender como se aprende, como se faz e como continua. Ninguém me
ensinou. Eu não estudei essa disciplina. Não sei se estou certa ou errada. E, muitas vezes me sinto só! Aprendi que você pode se sentir só, mesmo estando rodeada de pessoas. A maternidade tem isso, principalmente no início, a mãe perde um pouco a vaidade, esquece-se dela, mistura a vida dela com o filho e muitas vezes
não sabe mais quem é!
Eu já troquei pasta de dente por creme de assadura, já coloquei a sapatilha nos pés trocados, já andei com o carrinho faltando uma roda, já coloquei roupas que não combinam, já esqueci ano de nascimento, já coloquei a fralda errada, já dei comida que eu não gosto e já esperei ele dormir para comer um chocolate sozinha! Nesse dia perdi pontos, mas, não penso duas vezes em ficar com o bife menor.

Tem dias que queria uma noite inteira só pra mim e aí me culpo por pensar assim, tem dias que queria sair sozinha e aí me cobro mais. Tem dias que quero ficar grudada e agarrada com ele e aí penso que independência também é legal. Às vezes, é difícil entender o caminho certo e sorrir para si mesma, pensando “Mandou bem, mamãe”! Temos tantas perguntas, conversamos tanto e quando achamos que somos peritas na arte de maternar, vem uma vacina nova que divide opiniões.

Sabe, doutor, eu já conheci algumas mães de pracinha que são celestiais e veem tudo cor de rosa. A sensação que eu tenho é que elas comem algodão doce pensando que estão comendo nuvens. Ok, já entendi! Viajei! Mas é mais ou menos isso
Fico pensando qual a pontuação delas e em que lugar no ranking ficariam.
Sabe doutor, eu não sou mãe Alice e não moro no país das maravilhas! A mãe Alice toma chá e come “escargot”, eu quero tomar suco e comer um pão com Nutella! Essa é a nossa diferença! Quero ser normal, uma mãe normal. Quero rir da maternidade, quero rir das coisas chatas que meu filho faz e não quero receber olhares por isso! A maternidade traz um lado competitivo e comparações como “andar”, “falar” e “largar fraldas” são comuns em um mundo tão palpiteiro. Quero criar um filho normal sem tanta cobrança e expectativa! Quero que ele faça as coisas no tempo dele.

Acho que todas as mães do mundo vivem o antes e o depois do filho, como se os nossos pensamentos mudassem, nossas prioridades tomassem formas diferentes e nossa vida tivesse outro sentido! Um sentido muito lindo, mas que algumas vezes dá medo! Mãe é um ser medroso e corajoso, e esse paradoxo nos instiga e nos enfraquece! A gente nunca sabe se merece um tapinha nas costas em ter feito um bom trabalho! Nós não temos chefes e nem somos avaliadas por alguém, mas a nossa intuição vale como um mestrado!

Já acabou, Doutor? Falei muito né? Eu sei!
Para acabar, queria saber só uma coisa: Você acha muita loucura criar um quadro maternal onde saberei minha pontuação no final do dia?
Já entendi! Obrigada, de nada!

Nascida no Rio de Janeiro-RJ Patricia Lopes é psicologa, mãe, esposa e adepta a maternidade real

Todos os dias

Por Ane Soal

Todos os dias eu tento abrir

A mente para entender

O coração para acolher

Um sorriso para contagiar

Os braços para abraçar

A mão para ajudar

As portas para a alegria entrar

A casa para o vento passar

E a poeira da tristeza levar

Abrir o carro para o amor entrar

O barco, para com ele velejar

Minha janela para o mar

Pois nela o amor se encaixa

Assim como o mar

Na cama e no colchão de amar

Tatiane de Souza Alves nasceu em Brasília e vive em Rio Verde, Goiás. É cristã, graduada em Letras e também escritora. É colaboradora na revista Ensinador Cristão e na página Ela é do céu.

Trocando a roupa da alma

Por Anyle Müller

Despindo a roupa velha e desgastada do cotidiano e dando a nossa alma um novo respirar. Conheça o desconhecido, sinta o vento nos cabelos e visualize o divino. Viaje e sempre mude a roupa de sua alma, ame, realize e chore. Conheça o outro e desconheça a si mesma, fotografe e pinte. Solte o cabelo, caminhe sem olhar para o chão. Perca-se pelo simples prazer de se reencontrar. Seja outra em si mesmo, mude a cor do cabelo, mude o riso contido, solte as correntes do jovem coração.

Abra seus olhos vendados pela sociedade, esfregue a areia que cega seu reflexo. Salte, pule, cante, dance e esqueça onde está. Ouça sua música bem alta, rebole e rebobine os sorrisos que já foram ofertados a você. Desengane-se, derramasse, esqueça o que devia a muito ter sido esquecido. Apaga aquilo que trava seu sorriso. Esbanje simpatia, distribua bons dias. Seja livre por ser você, independente do estado em que viva.

Enamore-se, seja levado pela brisa do olhar, os passos apagados na areia, o sonoro canto das sereias. Guarde os momentos nos sonhos e as lembranças na mala. Reviva e (re) vista a alma.

Voz Passiva

Por Josicleide Guilhermino

SINTO MUITO, esta história não começa com: “Era uma vez”, nem com “Em um reino distante”, tão pouco termina com: “E foram felizes para sempre”. Esta não é uma história sobre uma menina de capuz vermelho levando doces pra vovó, nem sobre porquinhos fugindo de lobo, nem sobre longas tranças ou um longo sono, também não fala de donzelas em apuros, sapo que vira príncipe, bruxas, florestas e casa de chocolate. NÃO! Nesta história, você não encontrará nenhum elemento fantástico, embora você encontre menina, doce, vovó, porquinhos, lobo, trança, sono, donzela, sapo, príncipe e chocolate, estes elementos estarão dispostos de tal forma que você não encontrará conexão entre eles e dificilmente irá associá-los aos contos de fadas. Devo lhe alertar que ESTA NÃO É UMA HISTÓRIA COM FINAL FELIZ, nem com começo, nem com o meio. Definitivamente nesta história não há momentos felizes. Se você gosta de história com finais felizes, não leia esta, sempre haverá a sua disposição um conto de fadas, dezenas, talvez centenas deles espalhados por aí. Mas, se assim como eu você é uma pessoas realista e sabe que a vida não é um conto de fadas eu lhe convido a apreciar essa história, nela você não chorará de felicidade, não encontrará nenhum ser encantado, mas é possível que após sua leitura você se sinta tocado a descobrir um mundo realmente fantástico, não como o dos contos, mas um mundo de sinais...

Nossa história começa exatamente as 06:00h e 30m e termina às 22:00h e 30m. Em menos de um dia, caro leitor, você conhecerá o triste fim de Ana, não a personagem bíblica, muito embora esta também tenha chorado. A diferença entre as duas é que uma pode sorrir após o choro, a outra não.

Gênese

Era uma vez... ops, desculpe, é difícil perder o hábito.

No princípio do dia o celular de Ana vibra. Exatamente as 6: 30, despertando-a de um sono de pouco mais de 7h. Era assim todos os dias, levantava as 6: 30, tomava café e saia as 7: 00H; as 7:30 pegava no trabalho que ficava a duas ruas de sua casa (era empregada doméstica em um condomínio construído a pouco tempo), estava nesse emprego a menos de um ano, sofrera muito no anterior pois a patroa não fazia o menor esforço para se comunicar com ela, além de ter verdadeira paixão pela cor vermelha, assim sendo, fazia com que usasse um chapéu vermelho por cima da touca, talvez porque Ana tivesse cabelos longos que gostava de prendê-los em formato de trança e a patroa não tinha cabelos, pois ainda se recuperava de um câncer. Nesse emprego atual além de ter data certa pra receber, tinha um patrão professor a quem ela aos poucos estava ensinando sua língua, enquanto ele a fazia avançar pelos labirintos da leitura e era notório o empenho de ambos para desvendar os mistérios da linguagem. Em menos de um ano ele já era capaz de conversar sobre amenidades: perguntava como havia sido o fim de semana, desejava bom dia, boa tarde, boa noite, falava sobre o serviço, nada muito sério, mas Ana se sentia bem, foram poucas às vezes ao longo da vida em que encontrou alguém disposto a adentrar o seu mundo, através de sua língua e não impondo outra. Ao passo que ela ia fazendo leituras, poucas, é verdade, mas avançava, sentia que avançava. Todos os dias ao chegar do trabalho lia algumas páginas da coleção de livros que o patrão lhe presenteara, era um conjunto de contos de fadas, alguns ela conhecia, outros não, as dúvidas que tinha levava para o trabalho no dia seguinte e o patrão as tirava.

Olhou para o companheiro ainda dormindo, nem viu quando ele chegou na noite passada, provavelmente de madrugada depois de mais uma noite de farra, a alguns meses essa era sua rotina, largava do trabalho e saía com os amigos, quando chegava em casa ela já estava dormindo, há dias não se comunicavam, melhor assim...

Levantou da cama com cuidado para não acordá-lo, mesmo sabendo que isso era quase impossível, tinha um sono profundo, não acordaria antes do meio dia. Ana lembrou de sua infância, em como sonhara com seu príncipe encantado e descobrira a duras penas depois que apanhou pela primeira vez desse homem, que príncipes encantados só nas histórias dos irmãos Grimm, que sua vó contava pra ela quando menina. A vó de Ana empreendera realmente esforços para se comunicar, não conhecia a libras, mas contava histórias para a neta dormir criando um sinal para cada animal, para cada personagem, foi assim que conheceu os contos de fadas. Recentemente em seu novo emprego soube pelo patrão que essas histórias surgiram na oralidade e foram reunidas em livros pelos irmãos Grimm, foi através do patrão que ela passou a ter mais detalhes das histórias que conhecia tão pouco. Depois da morte de sua vó Ana se viu só, sem o carinho, cuidados e claro, os doces que só ela sabia preparar.

Era a terceira filha de uma família de quatro, a única que nascera surda, seus irmãos assim como seus pais eram ouvintes, todos passavam o dia com a vó, pois sua mãe era lavadeira e na maior parte do tempo estava fora, não tinha tempo para os filhos, trabalhava muito para sustentá-los, o pai os abandonara muito pequenos, dele restara apenas uma foto. Tivera uma infância sofrida, com uma mãe que lhe batia muito, a menina não tinha lembranças de nenhum momento de carinho com aquela que lhe deu a luz, só lembrava das surras que levava pra parar de usar as mãos; apanhou até o dia em que a mãe conheceu um homem e decidiu morar com ele, levando três dos quatro filhos, só Ana ficou, aos cuidados da vó, a vó que fazia

carinho, a vó que fazia doces, a vó com quem os gestos eram permitidos... e assim a menina cresceu, gostando particularmente dos três porquinhos, de como eles unidos conseguiram vencer o lobo, talvez porque após a morte da vó ela se viu sozinha, sem família, sem amigos, em um mundo hostil onde não conseguia sequer se comunicar, talvez por isso ficava encantada de ver que juntos, três seres aparentemente inferiores conseguiram vencer um mais forte, apenas por se manterem unidos, por falarem uma mesma língua. Ana desejava isso, alguém a quem se unir, alguém capaz de ver nela um ser como qualquer outro e não uma aberração, era assim que se sentia...

Nossa personagem desenvolvera a libras depois de grande, na infância fora pouco alfabetizada, pois na escola ninguém a compreendia, mesmo assim reconhecia as letras do alfabeto e era capaz de ler algumas coisas, até que...

O príncipe encantado

Não! Ela não perdeu seu sapato e ele percorreu todos os locais até encontrar a donzela em quem o sapato coubesse, também não apareceu em uma carruagem, nem em um cavalo branco, nem preto, nem mesmo em um carro, não o possuía, não possuía sequer uma bicicleta, não era bonito, não a beleza dos livros, também não era rico, aparentemente não havia nenhum atrativo, era atendente de supermercado, e ela? fazia compras. Não era uma linda manhã de sol com pássaros cantando, borboletas voando e árvores balançando, ao som do vento soprando. Onde morava não havia pássaros, nem borboletas, nem árvores, apenas o vento que sentia de tempos em tempos, pois sua casa era cercada por condomínios, o que impedia a circulação. Era um sábado triste, em que a chuva ameaça cair a qualquer momento.

Não costumava ir com frequência naquele supermercado, frequentava outro mais próximo de sua casa, mas o pão acabava cedo e ela havia chegado tarde, por isso fora naquele. Ao chegar no caixa para pagar ele abrira a boca, dissera algo que ela não poderia ouvir. Levou a mão ao ouvido em um gesto peculiar, indicando que era surda, e ele? Respondeu, não falando, gesticulando; informou através dos sinais que não tinha troco, ela não teria por acaso um dinheiro menor? Não, ela não tinha, será que não gostaria de levar algum item a mais? Sim, o que ele indicava? O moço não teve demora, lhe deu um chocolate... mas o valor era maior... não havia problemas, era um presente, um pedido de desculpas... por não ter troco...

Ana foi pra casa embalada pelos sinais, pelo sorriso, pelo chocolate...

E sonhou... sonhou com um mundo em que todos gesticulavam, usar sinais era comum...

...

O supermercado mais próximo perdeu uma cliente fiel, pois o concorrente tinha um atendente que sabia libras, e daquele dia em diante as compras de Ana passaram a vir de outro destino...

Ficaram amigos, soube da vida dele. Era o mais velho, possuía uma irmã surda, ambos moravam com a mãe em uma comunidade próxima, o pai era caminhoneiro, viajava muito, Jacó acostumou-se a ausência dele ao longo da vida, era um bom homem, bom pai, bom marido, seu único defeito era a bebida, quando bebia ficava incontrolável, mas isso acontecia raramente quando estava em casa. Pela primeira vez Ana tinha alguém pra conversar, alguém pra frequentar sua casa, sair nos fins de semana, alguém pra dividir a vida... e tudo foi muito rápido, em pouco tempo moravam juntos...

Ana lembrava de tudo isso enquanto caminhava para o trabalho, seu rosto ainda se recuperava das marcas. A primeira vez que ele lhe batera foi porque ela havia se atrasado no trabalho e ele achou que estava com outro, depois foi porque a comida não estava pronta, já havia apanhado porque fora fazer compras onde o marido trabalhava e ele achou que ela estava lhe perseguindo, foram muitas vezes, cada vez por um motivo menor e a caminho do trabalho Ana se perguntava em que momento seu príncipe se transformara em um sapo, se perguntava o porquê de seu conto de fadas está sendo as avessas. Já não se recordava a última vez em que haviam conversado, ele chegava sempre cansado, estressado, sequer olhava pra ela, como ela poderia se comunicar se seu olhar não a encontrava? O que acontecera com o companheiro que a fizera dominar sua língua?

“O som ao redor”

Enquanto caminhava ia observando o mundo ao seu redor, passava ali diariamente e nunca tinha parado pra observar os detalhes; a sua frente um novo prédio estava sendo construído, homens vestindo azul lixavam, pintavam, serravam, batiam, dando vida a um condomínio de luxo, onde jamais poderiam morar. Ao passar na construção um deles abriu a boca, os outros riram, Ana sorriu também, não sabia o que havia sido dito, se soubesse, jamais sorriria. Ao seu lado dois homens gesticulavam muito, percebeu pelas expressões faciais que estavam brigando, imaginou que tinha alguma coisa a ver com o trânsito, pois ambos estavam com o carro aberto; viu o garoto do jornal abrindo a boca com força, provavelmente anunciando a matéria do dia, pouco mais adiante um aglomerado de gente se amontoava na parada do ônibus, enquanto um cego tocava um violão. Ana sentiu uma leve vertigem, se deu conta naquele momento que a vida de todas aquelas pessoas estava perpassada por sons, sons que ela nunca ouviria, sentiu

raiva, queria gritar, queria voltar em casa e dizer pro seu companheiro: VÁ EMBORA! ESTÁ ME OUVINDO? EU ESTOU FALANDO, VÁ EMBORA! Tentou produzir algum som, mas o ruído que saiu assustou uma estudante que passava, pois ela rapidamente se afastou, achando que aquela mulher poderia ser louca. Nossa personagem sabia que jamais teria coragem suficiente pra mandar seu companheiro embora, gostava dele, apesar de não ser mais capaz de recordar os bons momentos vividos ao seu lado, se os tivera, não lembrava, exceto o dia em que o conhecera no supermercado e até esse dia já estava sendo distorcido em sua memória em função de tantos mal tratos, as vezes tinha pesadelo com ele obrigando-a a comer dezenas de chocolate enquanto lhe batia ou lhe agredindo dentro do supermercado na frente dos clientes, que sorriam se deliciando com a cena. Algumas vezes quis mandá-lo embora, tentou dizer mas, mal começava a falar ele abaixava a cabeça ou se virava para a TV, ou para qualquer outra coisa e seus gestos se perdiam no ar. E Ana chorou, chorou por todas as palavras que jamais sairiam...

“A hora da estrela”

Chegando ao trabalho sentiu-se diferente, uma leve disposição começava a surgir, percebeu que precisava dar um fim aquele martírio... Estranhamente sentia a vida pulsar em si, um novo desejo surgindo como uma borboleta despontando de um casulo: havia decidido deixá-lo, não sabia como, mas Iria deixá-lo. Imaginou as palavras saindo de sua boca, mera ilusão – não podia falar – não usando a voz, mas arranjaria um jeito, escreveria um bilhete, quebraria algo pra chamar sua atenção, esta noite seria livre outra vez... Depois de tanto tempo sentiu uma leve sensação de paz brotando em seu peito, limpou a casa do patrão como se fosse a sua própria, terminou o serviço cedo, deitou-se no sofá e apreciou a vista da janela; aproximava-se o crepúsculo, última hora do dia e pra ela a mais bonita, mas quase não tinha

tempo de apreciar... saía correndo do trabalho com medo que o marido achasse que estava com outro, pois era muito ciumento... Fazia de tudo pra chegar em casa antes dele, mesmo quando largava mais tarde...

Hoje não, hoje era seu dia, ficou no sofá a espera do patrão sem se preocupar com o tempo. Não precisava esperá-lo, ao terminar o serviço podia ir embora, mas não foi, estava gostando da sensação de perigo, queria motivos para chegar tarde em casa, queria dar motivos ao marido para uma briga...

Lembrou-se que o patrão dissera que poderia comer o que quisesse da despensa, nunca havia feito isso, sempre levava sua comidinha de casa e lá apenas esquentava, mas hoje era seu dia: pegou uma bandeja, abriu a geladeira e serviu-se:

- “Comeu daquela vez como se fosse a última”.
- Deitou-se no sofá como uma madame.
- Deixou passar o tempo como se não tivesse marido.
- Bebeu todo o vinho como se lhe pertencesse.
- Olhou-se no espelho e se achou bonita.

O patrão naquele dia atrasou-se, coisa rara de acontecer por isso não imaginava encontrá-la ali ainda, mas que bom... lhe trouxera um livro de presente: “A hora da estrela”. Ana não conhecia a história, não sabia do que se tratava, contudo, gostou muito do título, já sabia que era obra de uma escritora chamada Clarice Lispector, pois o patrão já tinha lhe mostrado uma foto dela, mulher bonita, de cigarro nas mãos, o nome também era bonito, nome de gente importante. Pensou no seu próprio nome: Ana! Ana Lispector! Não combinava...

Aquela noite seria inteirinha sua, mandaria o marido embora e poderia ler sua nova aquisição... Saiu do trabalho feliz, não via a hora de chegar em casa e pôr um fim em tudo aquilo, andava nas ruas sorrindo, olhava pras pessoas sorrindo, nem

sempre recebia o sorriso de volta, não importava, segurava firme o livro nas mãos com todo cuidado que um objeto de valor requer...

Não ouviu a buzina do carro se aproximando, não ouviu os gritos das pessoas ao redor, não ouviu o barulho da sirene: polícia perseguindo bandidos...

“morreu na contramão atrapalhando o tráfego”...

O livro voou de suas mãos e fora cair aos pés de uma nordestina recém-chegada ao Rio de Janeiro: Macabéa, não sabia ler, o estudante ao seu lado por impulso leu em voz alta: “A hora da estrela”. A jovem alagoana gostou do título, rapidamente agarrou o livro e tomou-o firme entre as mãos com todo o cuidado que um objeto de valor requer...

Josicleide Maria Guilhermino do Nascimento, graduada em letras pela Universidade Federal de Pernambuco, professora de Língua Portuguesa. Amante da escrita Literária e Acadêmica nos últimos anos tem-se dedicado a pesquisas no campo da Literatura, com publicações em Revistas Científicas e capítulos em livros. Aos poucos lançando-se também na escrita literária

Informações sobre a 2º Edição da revista,
você encontra no site:

https://literalmentintrigant.wixsite.com/revista



